

UNIVERSIDADE FEEVALE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

**DANIEL CASAGRANDE**

**ECO LODGE PEDRA BRANCA**

Novo Hamburgo

2016

**DANIEL CASAGRANDE**

**ECO LODGE PEDRA BRANCA**

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à obtenção  
do grau de Bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo pela Universidade Feevale.

Professores: Carlos Henrique Goldman  
Geisa Tamara Bugs

Orientador: Alan Astor Einsfeldt

Novo Hamburgo

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aos amigos e familiares que me apoiaram nesta longa jornada acadêmica como todos os professores desta universidade, que ao longo dos anos comprometeram-se em apontar os caminhos a serem seguidos para a obtenção do conhecimento.

“A gente tem que sonhar, senão as coisas não acontecem.” Oscar Niemeyer.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2 TEMA</b>	8
2.1 ESPORTES DA NATUREZA	9
2.1.1 ESCALADA	12
2.1.2 MOUNTAIN BIKE	16
2.1.3 TREKKING	19
2.2 TURISMO	23
2.2.1 ECOTURISMO	24
2.2.2 TURISMO DE AVENTURA	25
2.3. HOTELARIA	25
2.3.1 CLASSIFICAÇÃO DE MEIOS DE HOSPEDAGEM	27
2.3.2 CLASSIFICAÇÃO DE CATEGORIAS HOTELEIRAS	28
2.4 JUSTIFICATIVA	29
<b>3 MÉTODO DE PESQUISA</b>	30
3.1 BIBLIOGRÁFICA	31
3.2 ESTUDO DE CASO	31
3.3 ENTREVISTA	43
<b>4 ÁREA DE INTERVENÇÃO</b>	45
4.1 MUNICÍPIO DE GRAMADO	45
4.2 O LOTE	47
4.3 ANALISE E LEVANTAMENTO	49
4.4 PLANO DIRETOR	54
<b>5 PROPOSTA DE PROJETO</b>	59
5.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS E FORMAIS	59
5.1.1 SKÅPET MOUNTAIN LODGES IN SODDATJØRN	60
5.1.2 CABANAS PARQUE WHITETAIL WOODS	65
5.1.3 HOTEL AWASI PATAGÔNIA	69
5.2 PROJETO PROPOSTO	73
5.2.1 PÚBLICO ALVO E PORTE	73
5.2.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES / PRÉ-DIMENSIONAMENTO	75
5.2.3 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA	78
5.2.4 PARTIDO	79

<b>6 LEGISLAÇÃO</b>	81
6.1 ACESSIBILIDADE	81
6.2 SAÍDAS DE EMERGÊNCIA	84
<b>CONCLUSÃO</b>	85
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b>	86
<b>APÊNDICE</b>	88
<b>ANEXOS</b>	89

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal, buscar referências e fundamentar o projeto para um espaço destinado à hospedagem e prática de esportes de aventura embasando desta maneira o projeto a ser desenvolvido na disciplina de Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale.

O projeto buscará proporcionar aos hóspedes e visitantes vindos de grandes centros urbanos, um espaço de fuga do stress da cidade, em busca do convívio com o meio ambiente, promovendo o turismo, lazer e contemplação em meio à natureza.

A partir da análise da área de intervenção localizada na zona rural com características apropriadas para a prática de determinados esportes de natureza e por ser a cidade de Gramado, um dos maiores polos turísticos do Brasil, surge o tema do projeto.

No final do século XX, o turismo converteu-se na atividade econômica mais importante do mundo, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT). O turismo é o setor da economia que mais cresce na atualidade, já tendo atingido o status de principal atividade econômica do mundo. Nos deslocamentos provocados pela atividade turística, são geradas necessidades de transporte, alojamento, acomodações, equipamentos, vestuário, etc, que provocam o surgimento de numerosos negócios de atendimento ao turista (DIAS, 2003).

Gramado destaca-se pela atividade turística sempre evolutiva, são vários tipos de eventos que se realizam dentro de um universo amplo e diversificado. São congressos, conferências, cursos, exposições, feiras, shows, simpósios, solenidades etc. Esse segmento é um importante movimentador do mercado e abrange várias formas de hospedagem.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi estudo de caso, pesquisa bibliográfica enriquecida com entrevista a praticante de esportes de natureza, e análise de projetos referenciais, que auxiliaram o acadêmico com informações e a visualização de pontos positivos e negativos a serem considerados no futuro projeto de TFG.

## 2 TEMA

O tema proposto neste trabalho é a implantação de um espaço de hospedagem e prática de esportes de aventura, denominado Eco Lodge, localizado na área rural da cidade de Gramado na localidade chamada de Linha Pedra Branca. Totalmente projetado para ser integrado à natureza, tem por objetivo proporcionar aos hóspedes o convívio com os atrativos naturais da região.

Tornar as viagens mais marcantes, com experiências inesquecíveis. Esta é a proposta da nova campanha do Ministério do Turismo de estímulo às viagens pelo próprio país. O turismo é a atividade do setor terciário que mais cresce no Brasil. Em 2014, movimentou R\$ 492 bilhões, entre atividades diretas, indiretas e induzidas, de acordo com dados divulgados pelo Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC, 2015). Quando considerada apenas a contribuição direta, a participação do turismo é de R\$ 182 bilhões, estimado em 3,5% do PIB. O futuro é promissor para o Brasil, de acordo com o Conselho. O impacto do turismo na economia do Brasil deverá alcançar R\$ 700 bilhões, cerca de 10,3% do PIB em 2024 - e empregar 10,6 milhões de pessoas no país (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).

O desenvolvimento da hotelaria, como base do turismo, levou o setor hoteleiro a trabalhar a demanda de forma a direcionar e moldar gradualmente a seus interesses, anseios, expectativas e necessidades em relação ao setor (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2001). O tradicional hotel está cedendo espaço para essa nova denominação, o lodge, que é um meio de hospedagem ambiental ou ecológica, geralmente situado em áreas de atrativos naturais preservados. Chamam-se assim, as hospedagens construídas na selva africana para alojar os participantes dos safaris. Também há, hoje, além dos lodges de selva, os lodges de neve. Devem ser prioritariamente construídos com materiais ou técnicas construtivas, característicos da região, com instalações simples, proporcionando integração de seus usuários com o ambiente. Devem oferecer, além de suas instalações, outros serviços, próprios ou contratados, dedicados a oferecer ao turista, a experiência total do produto turístico, compreendendo desde o agenciamento, transporte local, atendimento do receptivo, informações, hospedagem, alimentação e eventos programados (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).



## 2.1 ESPORTES DA NATUREZA

Geralmente, pode-se dizer que a expressão, “esportes de aventura” engloba toda modalidade esportiva praticada na natureza, que envolva treinamento prévio e equipamentos sofisticados. Entre os objetivos de esportes de aventura estão o contato com paisagens naturais, o bem-estar proporcionado pela atividade física e a superação dos limites físicos e psicológicos (ROMANINI, 2002).

A busca do homem por ambientes naturais, bem como de um estilo de vida mais ativo, tem gerado crescimento de práticas corporais antes restritas e de interesse de pequenos grupos: as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), corriqueiramente chamadas pela mídia de “Esportes Radicais”, “Esportes de Aventura” ou “Eco esportes”. Mídia esta que em geral associa a toda prática corporal o termo esporte (SCHWARTZ, 2006).

A prática de esportes no meio à natureza está associada à ideia de aventura carregada de um forte valor simbólico. Uma aventura que mobiliza o imaginário dos atores sociais, que se envolvem com essas atividades animados pelos mitos e símbolos das culturas que os enreda. As propriedades simbólicas, físicas e técnicas dessas práticas revelam-se nos modos de perceber. É comum, além dos esportistas, os segmentos ecoturísticos e o empresariado aproximarem-se desses esportes adotando práticas de aventura e risco como arte de viver, desafiando calculadamente o risco em decisões úteis que indicam as probabilidades de êxito e a ponderação de seus benefícios, motivados pela incerteza e pelo estado de interação com os elementos da natureza. (COSTA, 2000).

Para o projeto proposto, tema desta pesquisa, três esportes da categoria Esportes da Natureza, serão estudados, escalada, trekking e mountain bike.

**Figura 1: Escalada**



Fonte: Acervo do autor / Foto: Alexandre Cappi (2007)

**Figura 2: Trekking**

Fonte: Acervo do Autor (2016)

**Figura 3: Mountain Bike**

Fonte: Acervo do Autor / Foto: Samuel Reis (2015)

Segundo Bruhns (2003), Schwartz (2006) e Marinho (2008), a aventura é uma vivência individual à procura de sentimentos extraordinários, sendo esta uma característica congênita do homem, é na atualidade que se vive as mais diversificadas atividades de aventura, no âmbito do lazer. A princípio, as atividades de aventura, estão ligadas a sensações de risco e vertigem, diferenciações controladas das emoções em harmonia com a natureza e com outras dimensões sensíveis, sendo este o maior diferencial dessas práticas em relação aos esportes convencionais.

Já Dias (2007) aponta que sendo o lazer a referência dos esportes de aventura, este foge do ideal dos esportes defendido por Gutmann (1978), que afirma que os esportes devem ter regras, regulamentos, ser profissional e bater recordes. As regras do esporte da

natureza são bem diferenciadas, apresentando menos repetição dos movimentos, pouca previsibilidade, propensão ao risco, procura por emoções, busca por novas tecnologias e por óbvio o contato com a natureza. O autor afirma que a atualidade ocasionou a busca pela natureza e para também por praticar esportes. Só este fenômeno já seria suficiente para justificar a relação entre os diferentes esportes sendo que cada um deles “responde a um mesmo conjunto de demandas colocadas pelas mesmas circunstâncias históricas gerais” (DIAS, 2007, p. 26).

Apelando ao estudo que questionou as pessoas comuns, amadoras, sobre o que entendiam por atividades de aventura, em que a maioria alia aos esportes e ao turismo de aventura, algumas menções sobre lazer desviantes e a lutas (PIMENTEL; SAITO, 2010). Sendo assim a escolha pelo esporte é uma opção teórica por um fenômeno quase único até mesmo entre a população não praticante.

Grosso modo, ao falarmos do conceito de esportes na natureza estamos falando então de um conjunto de modalidades cuja posição dentro do espaço esportivo mais geral corresponde a um jogo regulamentado realizado na natureza e assentado na proeza física, em que níveis variáveis de seriedade e ludicidade, cooperação e competição, amadorismo e profissionalismo, sensibilidade e insensibilidade ecológica, intervêm simultaneamente, variando de acordo com a perspectiva da atividade, mas sem nunca escapar a esse esquema geral. Tal definição diz respeito, portanto, ao fenômeno mais geral e não se restringe a técnica corporal. (DIAS, 2007, p. 26-27).

Desde os anos 80 até os dias de hoje, as atividades na natureza se desenvolveram conforme níveis de organização e controle sobre os perigos próprios da prática, tendo como apoio expressivo a melhora tecnológica dos equipamentos esportivos característicos às atividades, os vários recursos usados e os meios de comunicação. Tais atividades necessitam de elementos naturais para se desenvolverem de formas diferenciadas e específicas, estimulando novas sensibilidades, em níveis distintos. As grandes manifestações corporais exigidas nas atividades consentem que as experiências com relação ao corpo e a natureza expressem um ensaio de reconhecer o meio ambiente e os parceiros, anunciando também um reconhecimento dos seres humanos como sendo parte desse meio (Marinho, 2001). Bruhns (1997) destaca que a experiência dessas novas emoções pode

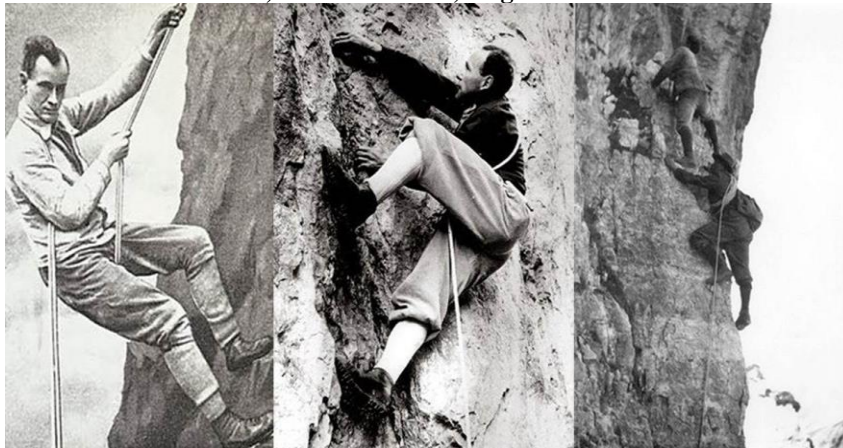
levar o homem a diferenciadas formas de perceber e de se comunicar com o meio em que vivem. Esta consideração destaca a necessidade de entendimento sobre os diferentes significados da relação entre o homem e a natureza.

### 2.1.1 ESCALADA

A escalada é um esporte que teve origem na Alemanha durante o século XIX. Nos seus primeiros anos era utilizada como treino para o montanhismo como uma forma de conseguir ganhar forma física. Com o passar dos anos foi ganhando novas técnicas, mas aquilo que mais evoluiu foi o equipamento que cada vez estava mais moderno. Isto permitiu a que mais pessoas pudessem praticar este esporte visto que com melhor equipamento a escalada torna-se mais segura. A partir de 1960 começaram a surgir as paredes de escalada artificiais e com isso também começaram a ser organizadas competições. A escalada é um esporte que pode ser praticado como lazer ou então para competir.

A escalada é uma modalidade desportiva definida por uma progressão que é realizada em terrenos verticais de inclinação acentuada. Este desporto pode ser praticado ao ar livre, como por exemplo, em montanhas e também em paredes artificiais (PESTERFIELD, 2002).

**Figura 4: primeiros escaladores da história  
Paul Preuss , Ricardo Cassin, Angelo Dibona**



Fonte: Google, (2016)

O primeiro campeonato mundial ocorreu na Itália no ano de 1985. O obstáculo foi uma parede natural. Já em 1987, o campeonato utilizou-se de uma parede artificial. No Brasil, a escalada começou a ser praticada no final da década de 80 (MUNDO EDUCAÇÃO, 2016)

### **Modalidades de escalada e montanhismo**

A palavra alpinismo tem como origem, escaladas nos Alpes. No entanto no Brasil é muito utilizada para se referir a escaladas em geral. Até mesmo o conhecido Aurélio ao definir montanhismo, coloca alpinismo como sinônimo. Montanhismo é o ato de conviver pacificamente com as montanhas de corpo e alma. Desde uma simples caminhada de um dia na Serra da Mantiqueira, ou um acampamento de final de semana no Parque Nacional de Itatiaia, até caminhadas de ascensão, escaladas em rocha, gelo, grandes montanhas, etc. Existem atividades de montanha para todas as idades e condições físicas. Em países com fortes tradições no montanhismo, é comum encontrar velhinhos, crianças e as vezes famílias inteiras desfrutando do ar puro e da aventura que as montanhas proporcionam (PESTERFIELD, 2002).

**Figura 5: Escalada em Rocha**



Fonte: Acervo do Autor / Foto: Glauco Silva (2015)

As diferenças não estão somente no relevo, clima e equipamentos necessários, mas também no espírito aventureiro e no preparo físico e psicológico do montanhista. Cada um deve procurar a modalidade e o nível de atividade que melhor se adapte as suas vontades e possibilidades (PESTERFIELD, 2002).

Dentre os diversos tipos de escalada algumas se enquadram na área onde será implantado o projeto do Eco Lodge, devido ao tipo de relevo do local, veremos a seguir as características de cada modalidade:

**1-Escalada em Livre Tradicional:** Progredir por uma parede de rocha utilizando somente os apoios naturais (agarras) da pedra é chamado de escalada em livre. Todo e qualquer equipamento utilizado durante uma escalada em livre tem a função de proteger os escaladores no caso de uma queda.

**2-Escalada Esportiva:** Condições gerais mais simples e seguras, permitindo ao escalador preocupar-se puramente com seu desempenho físico sobre a via, caracteriza o que chamamos de escalada esportiva. Em uma boa via de escalada esportiva, o escalador se concentra na dificuldade dos movimentos, sem se preocupar com as consequências de uma possível queda, pois esta será sempre segura.

**3-Progressão Artificial em Rocha:** Ao contrário do que acontece em uma escalada em livre, escalar artificialmente significa utilizar o equipamento como apoio para progredir na via. Desde um simples grampo, até uma super parafernália especializada para as mais incríveis situações. O grande desafio da progressão artificial moderna é utilizar a menor quantidade de equipamentos possível.

**4-Escalada Esportiva em Estruturas Artificiais:** Derivado da escalada em rocha, esta modalidade nasceu na Europa como forma de treinamento urbano, para as escaladas em montanha. Fácil acesso, baixo custo dos equipamentos e o trabalho físico e mental parecem ser o veneno. A grande maioria das pessoas inicia em muros.

**5-Big Wall:** Uma grande escalada passa a ser um big wall, se uma equipe é obrigada a pernoitar ao menos uma noite no meio da parede, ou seja, uma escalada de vários dias. Normalmente um misto de escalada livre e artificial, um big wall exige muita experiência dos participantes, sendo obrigados a içar dezenas ou até centenas de quilos de equipamentos, Devido à grande quantidade de equipamentos e complexidade da atividade, passar vários dias em uma parede envolve muito planejamento logístico, entrosamento e organização.

**6-Rapel:** O rapel não é uma modalidade, mas sim uma técnica básica de descida em qualquer atividade de montanha e embora seja aparentemente muito simples, pode se tornar

um verdadeiro pesadelo, tanto é que 75% dos acidentes de montanha acontecem durante os rapéis. (ACM – Associação Caxiense de Montanhismo, 2016)

## Equipamentos

Na escalada, o princípio de adaptação ao meio utiliza dois equipamentos de base: o sapato de escalada, a sapatilha chamada pé de gato, e o carbonato de magnésio - para secar a transpiração das mãos e aumentar a aderência, mas este equipamento é extremamente básico, na realidade poucos podem se permitir avançar uma parede assim equipados.

**Equipamento de segurança:** É este o equipamento de base para um escalador usado, tanto nas paredes artificiais como na natureza, e é composto por: sapatos de escalada, corda, arnês/cadeirinhas, mosquetões, freios/blocantes- que impedem a queda do escalador no caso de imprevistos. Também é aconselhável ter um transmissor de localização pessoal para ser usado em situações de emergência.

**Figura 6: Equipamentos de segurança**



Fonte: Acervo do Autor (2016)

**Equipamento auxiliar:** Utilizado na escalada de montanha necessita certa experiência e conhecimentos de utilização na conquista das vias de escalada e são: capacete, piolet, pitões, crampons e mosquetões, mochila, costura de escalada, gri-gri, camalot, fitas, friends, nuts.

**Material de orientação:** Na montanha, a mudança rápida das condições climatéricas exige roupa adequada para qualquer tipo de situação, e além do equipamento de segurança e auxiliar próprio a cada atividade, deve-se partir com um bom mapa da região, uma bússola para a orientação, e de um transferidor para medidas e marcação de ângulos e direções, pois o nevoeiro ou uma nuvem no cume de uma montanha podem tapar por completo a visibilidade.

### 2.1.2 MOUNTAIN BIKE

O Mountain Bike surgiu na década de 70, na Califórnia (Estados Unidos), a partir da atividade de um grupo de amigos: Joe Breese, Gary Fisher, Charlie Kelly, Eric Koshi e Charlie Cunningham (ROMANINI, 2002)

**Figura 7: Grupo de amigos que iniciaram as atividades de Mountain Bike**



Fonte: Google, (2016)

Mountain Bike é um esporte específico de montanhas e trilhas, nos mais variados tipos de terrenos, subidas e descidas. A diversão destes veteranos do ciclismo olímpico era subir o Monte Talmapais, em Marin Country, ao norte da Baía de San Francisco, e despencar de lá em bicicletas que eles apelidavam de “Clunkers” ou “Transhmobiles” (tranqueira ou lixomóvel). Com o passar do tempo, eles notaram que estas bicicletas, que



sofriam em suas mãos, precisavam de algumas mudanças e uma série de inovações técnicas. O objetivo era adequá-las às suas necessidades radicais.

Em 1977, surgiram os quadros especialmente manufaturados, desenvolvidos por Brees. Em 1980, Mark Sinyard fundou a Specialized e lançou o modelo Stumpjumper (pula toco), a primeira bicicleta Mountain Bike a ser produzida em série no mundo. A primeira prova brasileira da modalidade aconteceu em 1988, no Rio de Janeiro (SAMPA BIKERS, 2016)

Mountain Bike, ou Bicicleta de Montanha, é um tipo de bicicleta usado no Mountain Biking, uma modalidade de ciclismo na qual o objetivo é transpor percursos com diversas irregularidades e obstáculos. Em alguns países de língua latina o esporte é chamado de bicicleta todo terreno ou BTT (que significa Bicicleta Todo o Terreno). No Brasil é chamado popularmente de Mountain Bike, eventualmente de Ciclismo de Montanha ou Mountain Biking e comumente abreviado como MTB ou esporadicamente como BTT, sendo esta abreviatura a mais usada em Portugal e nos restantes países lusófonos.

**Figura 8: Mountain Bike - Travessia de rio**



Fonte: Acervo do Autor (2015)

O Mountain Bike é praticado em estradas de terra, trilhas de fazendas, trilhas em montanhas e dentro de parques e até na cidade. É um esporte que envolve resistência, destreza, concentração e autossuficiência. Como é comum a prática do esporte em locais isolados, o aspecto de autossuficiência é importante para que o ciclista consiga realizar

pequenos reparos em sua bicicleta, e concentração por ser um esporte que exige muito do psicológico para enfrentar os diversos obstáculos (ROMANINI, 2002).

## **Modalidades**

Há várias modalidades esportivas que podem ser incluídas na categoria Mountain Bike, veremos a que serão possíveis de prática no Eco Lodge:

**1- Cross-country ou XCO:** É a prova disputada em estradas de terra, que possuem um alto nível de descidas e subidas técnicas com pedras e raízes, geralmente as provas de xco não são muito longas iguais as de maratonas, apresentam em torno de 30 a 40 km mas em percursos técnicos e pesados.

**2- Trip Trail ou Maratona ou XCM:** É o tipo de prova em que o percurso é longo e leva de um ponto a outro, que pode ser ou não o mesmo do início da prova. Sendo no mesmo ponto, você só dá uma volta. Tem o nome Trip Trail porque é praticamente uma viagem por trilhas e estradas de terra. Esse tipo de prova pode compor uma das modalidades de um rali, sendo as outras com veículos automotores. As trilhas feitas por lazer pelos entusiastas do Mountain Bike costumam ter a característica de um trip trail.

**3- Singletrack:** Uma modalidade de Mountain Bike praticada em terrenos de terra, acidentados com montanhas e trilhas, muitas vezes dentro de matas fechadas. É uma versão ciclística do double track ou fire road que é praticado com veículos que possuem quatro rodas, ou os off-roads.

**4- Eliminator ou XCE:** É uma modalidade disputada geralmente em um circuito menor que o XCO, mais rápido, e com mais obstáculos onde o atleta é obrigado a fazer muita força para conseguir o melhor tempo. Cada atleta tem direito a uma volta rápida para marcar seu tempo oficial, depois, são efetuadas baterias classificatórias com quatro atletas, classificando os dois atletas mais rápidos, até que se dispute a final com quatro atletas.

**5- Freeride:** Uma variação do Downhill, o Freeride é utilizado como forma de lazer, tendo como principal diferença a utilização de terrenos variados, em vez de apenas descidas, além dos passeios chamados north shores - que consistem em andar por cima de árvores caídas ou por trajetos no alto de madeiras, criados dentro de florestas.

Downhill, Freeride e 4X são considerados por seus praticantes como "o lado extremo do ciclismo".

### **Equipamentos**

O equipamento mínimo em todas as modalidades, além de uma bicicleta adequada, é composto de capacete, luvas, uma câmara-de-ar reserva, bomba-de-ar. E o mais importante: por ser um esporte, de maneira geral, individual, é de extrema importância que o ciclista possua conhecimentos básicos de manutenção e reparo de bicicletas. As bicicletas de mountain bike diferem das bicicletas de estrada em diversos aspectos:

Usam pneus mais largos e cardados que absorvem impactos de forma mais eficiente, são robustos, possuem maior aderência em terrenos enlameados e oferecem maior controle e tração da bicicleta em terrenos acidentados, na areia e na lama. Em contrapartida, oferecem baixo desempenho em trechos asfaltados.

Usam amortecedores, na frente, atrás ou dois, um na frente e outro atrás, conhecidas como bicicletas Full Suspension, projetadas para oferecerem maior conforto e, conseqüentemente, reduzir os impactos sentidos pelo ciclista e permitir maior controle da bicicleta.

Possuem quadros reforçados e mais resistentes, especialmente nas modalidades que incluem saltos e quedas de grandes alturas, mas sem comprometer gradativamente no peso do conjunto, como é o caso das bicicletas destinadas para a categoria All Mountain (ROMANINI, 2002).

#### **2.1.3 TREKKING**

O Trekking teve sua origem no início do século XIX, onde os primeiros trabalhadores holandeses que colonizavam a África do Sul praticavam o esporte como meio de deslocamento na região, mas com a conotação de sofrimento e resistência física, uma vez que consistia no único meio de locomoção na época. Quando os britânicos invadiram a mesma região, a palavra "trekking" foi absorvida pela língua inglesa e passou a designar as longas caminhadas realizadas pelos exploradores em direção ao interior do continente.

Com o tempo surgiram novos Trekkers, ou seja, aventureiros em busca de grandes emoções, as quais somente eram encontradas em regiões distantes, de difícil acesso e que só poderiam ser atingidas após longas caminhadas em locais com terrenos acidentados (ROMANINI, 2002).

No Brasil o trekking surgiu em São Paulo no ano de 1992, designado como “caminhadas por trilhas naturais” e desenvolvido por amantes da natureza que resolveram adaptar as regras dos enduros de moto e jipe à caminhada ecológica. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2016).

O Trekking ou Caminhada é uma atividade física, aeróbica, que consiste no ato de caminhar em trilhas naturais, buscando maior contato com a natureza. É, na verdade, a mais antiga e conhecida forma de deslocamento desde que o homem ascendeu à qualidade de bípede e iniciou o ato de caminhar. Pode ser praticado tanto como uma forma de lazer, quanto em competições. Nesse caso, trata-se do *trekking* de regularidade e das corridas de aventura, modalidades que surgiram no início da década de 90, quando amantes da natureza resolveram adaptar as regras dos enduros de moto e jipe à caminhada ecológica (ROMANINI, 2002)

**Figura 9: Trekking na montanha em Vallecitos- Parque Natural Mendoza / Argentina**



Fonte: Acervo do Autor (2016)

O ideal é que o iniciante esteja acompanhado sempre de guias experientes, que já tenham feito a trilha anteriormente. Uma das maneiras de se iniciar no esporte é fazer a primeira trilha com uma agência especializada ou com algum grupo organizado, como os clubes excursionistas. Neste primeiro contato, será possível avaliar de forma correta e segura o ritmo da pessoa, suas necessidades e dificuldades em uma trilha. Mesmo contando com o auxílio dos guias, é interessante prestar atenção no caminho e nas soluções dadas aos problemas que surgirem para aprender a caminhar em ambientes naturais.

Em geral, a atividade é muito acessível do ponto de vista financeiro, pois são poucos os equipamentos necessários a sua prática. O Brasil é um local privilegiado para a prática do esporte, já que conta com trilhas espalhadas por todo o país, em locais de beleza diversa (chapadas, montanhas, praias, planaltos etc.) e inigualável (ROMANINI, 2002).

### Modalidades

Existem diferentes tipos de trekking que são definidos pelo fator motivador da atividade (lazer ou competição) e por outras características como duração, distância, velocidade e regularidade.

**Figura 10: Refúgio de montanha - Mendoza / Argentina**



Fonte: Acervo do Autor / Foto: Murilo Basei (2016)

**1-Trekking de um dia:** Com curta duração, é uma atividade de lazer muito utilizada no Brasil, principalmente próximo aos grandes centros urbanos. A caminhada tem aproximadamente 10 km com início e fim bem definidos.

**2-Travessias ou trekking de longa distância:** Trata-se de uma atividade de lazer, uma caminhada realizada entre dois pontos, cujo objetivo final é atingir o local proposto. É praticado por grupos com equipamentos para pernoites (como barraca e saco de dormir) e alimentação própria.

**3-Trekking de regularidade:** Tem caráter competitivo. Um percurso não conhecido dos participantes é pré-determinado pela organização, para a realização de uma trilha, com tempo e local definidos. O importante não é a velocidade e sim manter-se no percurso correto e no tempo determinado. Utiliza-se planilhas com velocidades médias, distâncias e símbolo-referência. Pode-se utilizar qualquer equipamento de medição e de cálculo.

**4-Trekking de velocidade:** Também tem caráter competitivo e são chamadas de corridas de aventura. O objetivo dos competidores é alcançar postos de controle definidos pela organização da prova, no menor tempo possível, utilizando o caminho que melhor se adaptar ou achar melhor, e usando recursos como cartas de navegação e bússola.

## **Equipamentos**

Os equipamentos necessários para o trekking são mais baratos que o de outros esportes de aventura, mas mesmo assim precisam ser escolhidos com muito cuidado e critério.

Calçado, são de fundamental importância. As botas oferecem segurança ao tornozelo nos diversos terrenos e, por isso, são as mais recomendadas. Vestuário, as calças-bermudas são as mais utilizadas para a prática do trekking. São calças bem versáteis porque permitem a retirada da parte de baixo, transformando a calça em uma bermuda, o que diminui a quantidade de roupa a ser carregada.

Mochila, usada para guardar todos os objetos necessários, como lanche, kit primeiros socorros, cantil, lanterna e demais acessórios como, bonés, bússola e relógio (TRILHAS E RUMOS, 2016).

## 2.2 TURISMO

Em 1841 um inglês chamado Thomas Cook organizou a primeira excursão turística que se tem notícias, uma viagem ferroviária para 570 participantes do “temperance”, movimento que pregava a abstinência de álcool. O percurso foi feito entre Leicester e Loughborough em vagões abertos puxados por uma máquina a vapor. O máximo em modernidade na época. Era o início da era dos produtos turísticos (Programa de Qualificação e Certificação em Turismo de Aventura - ABETA, 2008).

A primeira viagem ao redor do mundo também foi ideia de Cook. A evolução desta ideia original norteou a criação de um mercado global de viagens que atualmente movimentam bilhões de dólares, influencia de maneira expressiva a economia de diversos países e emprega milhões de pessoas, gerando riqueza e renda. Se no início, os custos restringiam a atividade apenas a um público de alto poder de consumo, na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento e popularização dos transportes, o turismo atingiu todas as classes sociais e se transformou num fenômeno de massa (Programa de Qualificação e Certificação em Turismo de Aventura - ABETA, 2008).

Diante desse fenômeno, o Brasil, com suas dimensões e diversidade de cenários naturais, oferece as condições ideais para o desenvolvimento do ecoturismo e turismo de aventura.

Em Gramado, a principal atividade econômica é proveniente do turismo, totalizando 90% da economia ali gerada, isso faz com que exista uma constante busca por melhorias na infraestrutura oferecida. Gramado conta, com 130 hotéis e pousadas, 1.140 estabelecimentos comerciais, 110 bares e restaurantes capazes de atender 10.000 pessoas simultaneamente, 07 bancos, hospital com atendimento de emergência 24 horas e UTI, 7 postos de saúde com atendimento gratuito (GRAMADOTUR, 2015).

Segundo informações fornecidas pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de Gramado, a cidade foi premiada por duas vezes consecutivas, como melhor cidade turística do Brasil, quatro vezes consecutivas, como melhor destino de inverno do Brasil, também considerada o terceiro melhor destino do Brasil em 2014. Pelo sexto ano consecutivo foi eleita a cidade turística preferida e mais lembrada pelos empresários gaúchos, recebeu

conceito A e B no Projeto de Categorização da ANVISA (classificação referente aos serviços de alimentação dos restaurantes da cidade), em 2014, também recebeu o selo Município Livre do Analfabetismo, em abril de este ano. Em 1921 o primeiro trem “Maria Fumaça” começou a trazer os primeiros turistas para a região, iniciando assim a história do turismo local hoje tão famoso.

Para Valls (2006) as características de destino turístico se definem como um espaço geográfico de uma localidade, núcleo turístico, município e região. Deve ser um local que os turistas almejam visitar, sendo que o deslocamento de sua origem é fundamentado pela experiência a se viver. Os destinos devem oferecer uma boa e diversificada oferta de serviços à satisfação dos turistas, sendo assim, acabam se valorizando cada vez mais os atrativos locais.

O ecoturismo e o turismo de aventura são segmentos relativamente novos turismo brasileiro, pois os primeiros serviços datam de meados da década de 1970. Mas foi somente em 1992, com a realização na cidade do Rio de Janeiro da Convenção Mundial sobre Meio Ambiente, a ECO 92, que a sociedade despertou para a questão ambiental, estimulando empreendedores a investir em ecoturismo e turismo de aventura.

A partir de 1993, nota-se um crescimento na oferta de serviços, a ponto de em 1999, ser criada em São Paulo, a primeira feira comercial dedicada ao ecoturismo e ao turismo de aventura. Em 2003 começa a definição, pelo Ministério do Turismo, do marco regulatório para o segmento e, em 2005, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT – inicia o processo de normatização relativa a algumas atividades de ecoturismo e turismo de aventura (Programa de Qualificação e Certificação em Turismo de Aventura - ABETA, 2008).

### 2.2.1 ECOTURISMO

É um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambiental através da interpretação do ambiente promovendo o bem estar das populações envolvidas (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E EMBRATUR, 2016).



Este ramo do turismo é caracterizado pelo contato com ambientes naturais, pela realização de atividades que promovam a vivência e o conhecimento da natureza e pela proteção das áreas onde ocorre. Isto é, ele está fundado nos conceitos de educação, conservação e sustentabilidade. O ecoturismo pode ser entendido, então, como as atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza, comprometidas com a conservação e a educação ambiental.

### 2.2.2 TURISMO DE AVENTURA

São os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo, onde tais práticas pressupõem determinado esforço e riscos controláveis, e que podem variar de intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016)

Primeiramente entendido como uma atividade ou subproduto do Ecoturismo, o segmento de turismo de aventura, atualmente, possui características e consistência de mercado próprio e, conseqüentemente, uma nova oportunidade de ofertas e possibilidades devido ao crescimento que vem adquirindo. (Programa de Qualificação e Certificação em Turismo de Aventura - ABETA, 2008)

### 2.3 HOTELARIA

A hotelaria aparece como fator fundamental de desenvolvimento e estabilização do setor turístico. Seu desempenho tem correspondido à ação dos novos segmentos de mercado e, ao mesmo tempo, proporcionado o surgimento de novas modalidades de turismo, diversificando o portfólio de serviços. Por tudo isso, a hotelaria tem merecido destaque no cenário turístico. Seu desenvolvimento, nas últimas décadas, e suas amplas expectativas de crescimento acompanha uma tendência conferida em todos os ramos de negócios e setores: a qualificação dos serviços prestados (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2001).

Historicamente o comércio é o responsável pelas formas mais remotas de oferta hoteleira. As rotas comerciais da Antiguidade, na Ásia, na Europa e na África, determinam centros urbanos e de hospedagem para o atendimento aos viajantes. Na idade Média, a hospedagem era feita em mosteiros e abadias (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2001).

“Os romanos podem ser considerados os primeiros a viajar por prazer. Diversas pesquisas científicas (análise de azulejos, placas, vasos e mapas) revelaram que o povo romano ia à praia e a centros de rejuvenescimento e tratamento do corpo, buscando sempre divertimento e relaxamento” (BADARÓ, 2005).

Mais tarde, com o aparecimento das monarquias nacionais, a hospedagem era desempenhada pelo próprio Estado, nos palácios da nobreza ou nas instalações militares e administrativas. Os viajantes que não tinham a aprovação do Estado eram atendidos, precariamente, em albergues e estalagens. Mais tarde, com a Revolução Industrial e a ampliação do capitalismo, a hospedagem passou a ser abordada como uma atividade estritamente econômica a ser explorada comercialmente. Os hotéis padronizados formados por gerentes e recepcionistas, aparecem somente no início do século XX (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2001).

No Brasil, no período colonial, os viajantes se hospedavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, nos ranchos que existiam à beira das estradas, erguidos em geral pelos proprietários das terras marginais. No século XVIII começaram a surgir na cidade do Rio de Janeiro, estalagens que ofereciam alojamentos aos interessados, embriões dos futuros hotéis. (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2001).

Em 1966 o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) foi criado, juntamente com Fundo Geral de Turismo (FUNGETUR), com o compromisso de orientar o desenvolvimento do turismo brasileiro. O Ministério do Turismo, criado em 2003, passa a exercer um novo papel: o de promover no mercado internacional os destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2011).

Em Gramado, o primeiro hotel era na verdade uma pensão que surgiu em 1918, que só possuía 2 camas de ferro e 2 de lona e se chamava “Hotel Bertolucci Familiar”. Em 1921, o trem facilita a vinda de turistas à cidade e assim novos hotéis começam a surgir,

todos com nomes das famílias que os dirigiam como, o Hotel Candiago, Hotel Fisch, Hotel Sperb e Hotel Casagrande (DRECKSLER; KOPPE, 1993).

A Deliberação Normativa número 429 de 23 de abril de 2002 da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo), órgão do Governo Federal, considera meio de hospedagem o estabelecimento que satisfaça, cumulativamente, às seguintes condições (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015):

- I - seja licenciado pelas autoridades competentes para prestar serviços de hospedagem;
- II - seja administrado ou explorado comercialmente por empresa hoteleira e que adote, no relacionamento com os hóspedes, contrato de hospedagem, com as características definidas neste Regulamento e nas demais legislações aplicáveis;

Os meios de hospedagem deverão oferecer aos hóspedes, no mínimo (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015):

- I - alojamento, para uso temporário do hóspede, em Unidades Habitacionais (UH) específicas a essa finalidade;
- II - serviços mínimos necessários ao hóspede, como:
  - a) Portaria/recepção para atendimento e controle permanentes de entrada e saída;
  - b) Guarda de bagagens e objetos de uso pessoal dos hóspedes, em local apropriado;
  - c) Conservação, manutenção, arrumação e limpeza das áreas, instalações e equipamentos.

### 2.3.1 CLASSIFICAÇÃO DE MEIOS DE HOSPEDAGEM

Com a finalidade de nortear os turistas quanto a escolha de qual meio de hospedagem vai optar, estes podem contar com o Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass) que é um instrumento de comunicação entre os turistas e o setor hoteleiro. O Sistema SBClass avalia meios de hospedagem os empreendimentos com propósito de acomodar temporariamente os hóspedes, e organiza sete tipos de Meios de Hospedagem para atender a diversidade da oferta hoteleira nacional, conforme descrição a seguir (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015):

- **HOTEL:** serviço de recepção, alojamento temporário, com ou sem alimentação, ofertados em unidades individuais e de uso exclusivo dos hóspedes, mediante cobrança de diária;

- **RESORT:** hotel com infraestrutura de lazer e entretenimento que disponha de serviços de estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza no próprio empreendimento;

- **HOTEL FAZENDA:** localizado em ambiente rural para exploração da agropecuária, onde ofereça entretenimento e vivência do campo;

- **CAMA E CAFÉ:** hospedagem em residência familiar, com no máximo três unidades habitacionais para uso turístico, com serviços de café da manhã e limpeza;

- **HOTEL HISTÓRICO:** instalado em edificação preservada em sua forma original ou restaurada, ou ainda que tenha sido palco de fatos histórico-culturais de importância reconhecida;

- **POUSADA:** empreendimento de característica horizontal, composto de no máximo 30 unidades habitacionais e 90 leitos, com serviços de recepção, alimentação e alojamento temporário, podendo ser em um prédio único com até três pavimentos, ou contar com chalés ou bangalôs;

- **FLAT/APART-HOTEL:** constituído por unidades habitacionais que disponham de dormitório, banheiro, sala e cozinha equipada, em edifício com administração e comercialização integradas, que possua serviço de recepção, limpeza e arrumação.

### 2.3.2 CLASSIFICAÇÃO DE CATEGORIAS HOTELEIRAS

A classificação dos meios de hospedagem é dada por estrelas, símbolo utilizado pelo SBClass para diferenciar as categorias de hospedagem, já que cada tipo possui distintas práticas de mercado e diferentes perspectivas de turistas. Assim o SBClass instituiu categorias diferenciadas para cada tipo de hospedagem conforme a tabela a baixo (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015).

Conforme SBClass (2011) as condições que definem as categorias de cada tipo compreendem os seguintes aspectos:

- (a) Serviços prestados;
- (b) Qualidade da infraestrutura de instalações e equipamentos;
- (c) Fatores relacionados com o desenvolvimento sustentável, como conceitos ambientais, relações com a sociedade e satisfação do usuário.

**Figura 11: Tabela de categorias hoteleiras**



Fonte: SBClass (2016)

## 2.4 JUSTIFICATIVA

O projeto proposto, a criação de um Eco Lodge, onde se entende que o conceito de "lodge" vem se difundindo pela necessidade de nomear um novo produto turístico que cresce ao compasso das principais mudanças na concepção de viagem. Um lodge é uma hospedaria diferenciada, e se define não somente por aproveitar a proximidade de um entorno natural, mas por estar concebido para ser parte da natureza e oferecer ao viajante a possibilidade de afastar-se da civilização, sem perder, no entanto, as comodidades a que está acostumado (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016)

Para o Lodge faz-se necessário a inserção em uma área que tenha potencial relação com a natureza, por isso a escolha da área na Linha Pedra Branca que preenche os requisitos, além de estar localizada na cidade com grande potencial turístico, está no eixo de vários pontos turísticos mais visitados da serra gaúcha, há ainda a questão da geração de empregos e de renda à população local.

Para Panosso Netto e Ansarah (2009), a busca por locais mais saudáveis e com paisagens inspiradoras é constante, e o turismo exercido junto à natureza, ligados ao ecoturismo e turismo de aventura é hoje, um dos segmentos mais procurados no mundo.

Conforme Mendonça e Neiman (2005) o turismo é uma respeitável opção para a criação de empregos, atração de investimentos e ingressos de divisas, especialmente em regiões que possuem grandes recursos naturais e com problemas de crescimento econômico.

Uma pesquisa aplicada em 60 países indica que o Brasil é apontado como um dos melhores destinos turísticos do mundo e em 1º lugar, como ideal para atividades de aventuras. O 1º lugar no ranking aventura deve-se aos quesitos de diversão, clima agradável e cenário (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).

A criação do lodge tem por objetivo oferecer além do conforto, atividades de entretenimento com aventuras em meio à natureza, desfrutando do lazer e descanso, acompanhado da vivência junto à natureza desfrutando de belas paisagens.

O Ministério do Turismo (2015) cita que o turismo de lazer que estimule o interesse do turista está diretamente ligado aos atrativos de determinada região, como as paisagens exóticas, a diversidade cultural, os esportes, as atividades de aventura e as belezas naturais. Assim a hotelaria destinada a atender esse público deve se localizar em locais próximos às atrações turísticas.

### **3 MÉTODO DE PESQUISA**

Para a realização da pesquisa de conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, como procedimentos metodológicos, adotou-se a pesquisa bibliográfica (para a sustentação teórica), estudo de caso com visita a Pousada e aplicação de entrevista para conhecer as necessidades de quem pratica os esportes de natureza.

### 3.1 BIBLIOGRÁFICA

Na pesquisa bibliográfica se buscou melhor compreender o tema abordado, através de livros, artigos e websites, contribuindo para desenvolvimento do trabalho. Os estudos bibliográficos se desenvolveram a partir do surgimento das hotelarias no mundo e no Brasil, os tipos e classificação de hospedagem. Buscaram-se ainda textos sobre o desenvolvimento turístico regional e local, além dos benefícios que a atividade turística e esportiva pode trazer para a poluição local.

O embasamento teórico sobre a implantação do lodge se deu através da pesquisa de projetos referenciais análogos que identificaram e caracterizaram parâmetros arquitetônicos norteando a implantação do projeto. Para além da análise arquitetônica, foram buscados os textos que apresentam os fundamentos da proposta.

### 3.2 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso foi realizado dia 29 de outubro de 2016 na Pousada do Engenho, localizada na cidade de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, distante 35 quilômetros de Gramado, cidade sede do projeto tema desta pesquisa.

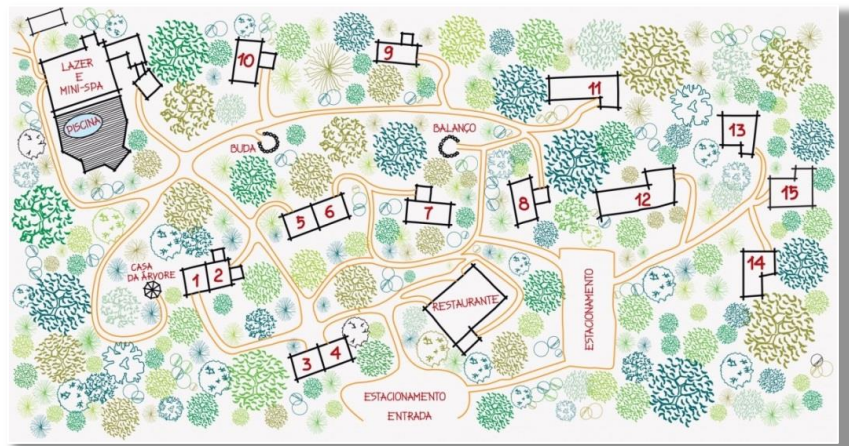
**Figura 12: mapa de localização**



Fonte: Pousada do Engenho (2016)

A pousada localiza-se no Bairro São Bernardo em uma área de mata nativa próxima ao lago de mesmo nome, este um importante ponto turístico da cidade. A pousada em questão foi escolhida por possuir características semelhantes no que se pretende para o tema deste trabalho como, por exemplo: sua implantação em meio à natureza; suas acomodações denominadas cabanas, que por sua vez são elevadas do solo; o cuidado nas modificações da topografia do lote.

**Figura 13: Implantação**



Fonte: Pousada do Engenho (acessado em 2016)

A entrada da pousada se dá através de uma porteira, de forma rustica e simples, no qual se localiza um estacionamento externo para visitantes e funcionários. A vegetação do entorno faz com que a pousada fique despercebida da rua.

**Figura 14: entrada principal**



Fonte: Autor (2016)



Próximo à entrada tem-se uma pequena recepção juntamente com o restaurante que serve de base para o café da manhã. Procurando manter a privacidade dos hóspedes, não foi permitido circular por algumas dependências da pousada, tendo em vista que a visita só pôde ser realizada no final de semana quando apenas uma das cabanas estava vaga e aberta para a visita.

**Figura 15 : restaurante / café**



Fonte: Autor (2016)

As cabanas foram cuidadosamente inseridas em mata nativa, com uma preocupação básica: a privacidade. Em todas as cabanas pode-se conviver com os sons, as cores e os cheiros da natureza, mas devido à grande necessidade que as pessoas têm de estar conectadas ao mundo, a pousada conta ainda com algumas comodidades, como TV a cabo, internet, CDs e DVDs de filmes que são disponibilizados para locação ao hóspede junto à recepção.

**Figura 16 : Caminho por meio a mata**



Fonte: Autor (2016)

O acesso às cabanas se dá através de caminhos pavimentados por entre as árvores, com iluminação indireta de forma discreta, com intuito de marcar somente o caminho, evitando claridade excessiva. Toda a iluminação externa é gerada através de painéis fotovoltaicos. As cabanas são numeradas e sinalizadas através de pequenas placas dispostas pelo caminho.

**Figura 17 : Placa de sinalização e iluminação**



Fonte: Autor (2016)

Ao decorrer do caminho observa-se que todas as cabanas estão elevadas do solo, como “palafitas”, evitando modificações na topografia natural do lote, além do que afastando a edificação do solo diminui-se o contato com a umidade do mesmo, melhorando a ventilação e facilitando acesso a instalações para eventual manutenção.

**Figura 18 : vista externa de cabana com passarela de acesso**



Fonte: Autor (2016)

**Figura 19 : passarela de pedestres**



Fonte: Autor (2016)

A foto acima retrata a transposição de um desnível no lote no caminho das cabanas para o restaurante, onde o que chama a atenção, é que sobre a estrutura de madeira no piso está sobreposta uma tela metálica fina com a função de tornar a superfície aderente, principalmente quando molhada, evitando que as pessoas eventualmente possam escorregar. Uma solução simples e de baixo custo que servirá como referência para as ligações entre as unidades hoteleiras do projeto proposto.

Outro detalhe importante, de forma a delimitar o espaço das cabanas próximas ao caminho de acesso, são estruturas de madeira elevadas do solo, como forma de “biombos” na altura das janelas dando privacidade ao hóspede que por ventura esteja com as janelas de seu alojamento abertas.

**Foto 20 – “biombo” externo (privacidade a cabana)**



Fonte: Autor (2016)

**Figura 21 : cabana 14 vista da passarela**



Fonte: Autor (2016)

A visita se deu a cabana de número 05, a única disponível no período a qual já estava pronta para locação.

**Figura 22: detalhe dormitório**



Fonte: Autor (2016)

Todas as cabanas são construídas de forma simples, mas dotadas de luxo e conforto. Internamente possuem materiais diferenciados, que mudam de cabana para cabana, a cabana visitada é em alvenaria convencional com reboco, possui forro e meia parede revestida em madeira, dotada de calefação aquecida através de caldeira além de contar com uma lareira a lenha. Possui ar condicionado, ventilador de teto, TV a cabo, telefone, frigobar, home theater e acesso a internet. Um detalhe simples, mas não menos importante é a iluminação zenital, para a contemplação do céu estrelado a noite.

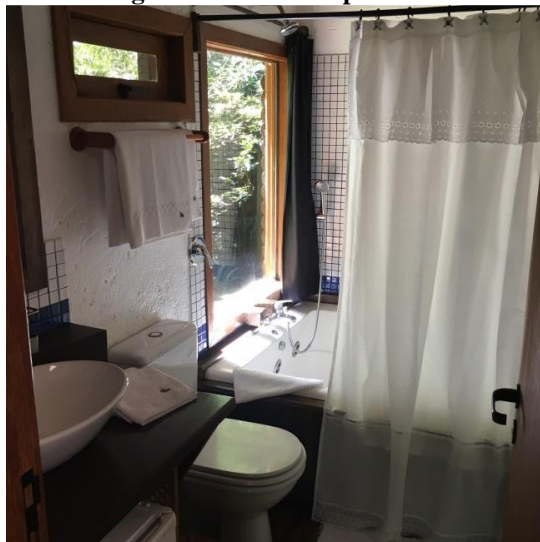
**Figura 23: vista interna dormitório e estar**



Fonte: Autor (2016)

O banho conta com banheira de hidromassagem conforme detalhe da foto seguinte.

**Figura 24: banheiro privativo**



Fonte: Autor (2016)

Na área externa as cabanas contam com um avarandado coberto, privativo junto à porta de acesso onde conta com uma rede para descanso e um depósito de lenha, que é abastecido pela manhã por funcionários da pousada. Nota-se que abaixo da lenha possui um nicho onde eventualmente é deixado algum item solicitado os funcionários, evitando assim perturbar o hóspede, que pode retirar no momento que lhe for oportuno. Externamente as cabanas são revestidas em madeira, e em suas aberturas possui tela anti-inseto, permitindo que se deixe aberto aproveitando a ventilação natural seja durante o dia ou à noite.

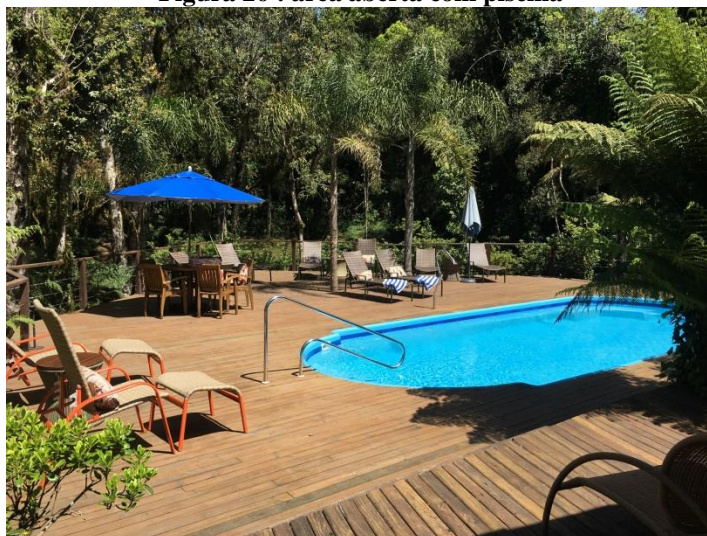
**Figura 25 : vista externa cabana 5**



Fonte: Autor (2016)

Para as área comuns a pousada oferece um deck aberto com piscina, um salão de estar, jogos e eventos, um mini spa com sala de massagens, sauna a vapor e um ofurô.

**Figura 26 : área aberta com piscina**



Fonte: Autor (2016)

Juntamente com o deck da piscina temos uma edificação onde localiza-se a sala de estar e o mini spa. Nota-se a iluminação natural através de zenital na maioria dos ambientes.

**Figura 27: salão de estar e jogos**



Fonte: Autor (2016)

Logo ao lado desta sala de estar podemos acessar a sala de massagens e o ofurô, ambos os ambientes possuem vista privilegiada para a mata nativa por estarem num ponto elevando do lote.

**Figura 28 : sala de massagens**



Fonte: Autor (2016)

Segundo informações obtidas no local, o tratamento da água para o ofurô como para a piscina é feito através de salinização, processo com eletrólise através de sal grosso sem iodo o que elimina o residual de cloro químico.

**Figura 29 : ofurô**



Fonte: Autor (2016)



Um atrativo que a pousada oferece como serviço opcional e diferenciado, é a casa na árvore, uma casinha construída no topo de uma caneleira preta, que já existia ali desde os tempos do sítio quando apenas era a casa do proprietário. Hoje reformulada, ganhou acesso por escadas fixas, varanda e dois ambientes. Uma sala confortável e um mini restaurante. Este ambiente é utilizado para ocasiões especiais como jantares e almoços exclusivos, onde atende somente um casal por vez. Muito requisitado por casais em lua de mel ou para aqueles que pretendem surpreender o parceiro (a) com o pedido de casamento. Considerada uma experiência única, necessita reserva, pois conta com cardápio diferenciado do restaurante da pousada.

**Figura 30 – Casa da árvore**



Fonte: Autor (2016)

Por estar sob reserva, não foi possível a visitação da casa na árvore. A parte operacional e demais dependências da pousada não teve a visitação autorizada justamente por estar com ocupação máxima.

Como a pousada foca em ser parceira do meio ambiente, é parceira do Sítio Pé na Terra, um ícone da agricultura ecológica fundada nos anos 90 na localidade de Lomba Grande, distrito da cidade de Novo Hamburgo neste Estado.

Possui uma horta totalmente orgânica de onde saem as ervas, temperos e hortaliças que abastecem o seu restaurante. O lixo produzido é totalmente separado, onde a parte orgânica é armazenada em composteiras, que posteriormente são convertidos em adubo para canteiros no jardim e para a própria horta.

**Figura 31 – Horta (ervas , temperos e verduras)**



Fonte: Autor (2016)

Boa parte da água utilizada na pousada é de vertente. O esgoto é tratado e distribuído após o processo de tratamaneto no terreno através de valas de absorção. Por fim, o encerramento da visita se deu no estacionamento dos hospedes, onde localiza-se também uma pequena edificação para depósito e vestiário de funcionários.

**Figura 32 : Estacionamento e edificação de apoio**



Fonte: Autor (2016)

A Pousada do Engenho forneceu uma base que ajudará na elaboração do trabalho tema desta pesquisa. Principalmente a forma como está implantada, cuidadosamente inserida em meio a mata, visando a privacidade do hóspede em harmonia com natureza. O programa auxiliará na elaboração do projeto proposto.

O público alvo será diferenciado, uma nova proposta surge, mas como na pousada visitada, o Eco Lodge Pedra Branca focará na sustentabilidade, utilizando-se de materias da região, mão de obra e produtos de oferta local, gerando renda e emprego para a localidade.

A idéia é utilizar no caso do projeto proposto as acomodações “lodges” elevados do solo assim como na pousada visitada, como gozar de iluminação natural sempre quando for possível tendo o emprego de iluminação zenital, que proporcionará ao hóspede a oportunidade de vislumbrar o céu estrelado, aproveitando da ausência de luz por estar afastado do centro urbano.

Chama a atenção o fato da pousada não ser acessível à portadores de necessidades especiais, tendo muitas escadas, ausência de sinalização adequada como ausência de aparelhos adaptados. O emprego da madeira como material para a construção será um ponto forte, agregando acochego e minimizando o impacto visual que outro material poderá causar sobre o meio onde estará implantado.

### 3.3 ENTREVISTA

Foi efetuada e aplicada entrevista com objetivo de captar informações sobre o tema, a prática de esportes de natureza e os benefícios da implantação do projeto proposto, a criação de um Eco Lodge no interior da cidade de Gramado/RS.

O entrevistado, Murilo Basei, 28 anos, natural da cidade e residente nesta, além de ser praticante de escalada e mountain bike, é proprietário de uma loja de artigos para esportes de natureza. A entrevista foi realizada no dia 28 de Setembro de 2016.

O objetivo desta entrevista é embasar o tema desta pesquisa quanto à necessidade de um local próprio para prática de esportes de natureza na cidade de Gramado, que tem natureza rica e apropriada para tais práticas.

Murilo salienta que há estudos da ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura) que falam sobre o crescimento das praticas de turismo de aventura no Brasil, porém, não focado somente na cidade de Gramado e sim no país como um todo.

Para ele, a cidade por sua geografia oferece tudo ao praticante de esportes de natureza, porém não existem parques ou locais específicos para tais práticas, o que facilitaria a segurança, foco e o desenvolvimento do esporte.

Os praticantes o fazem por conta própria em locais onde solicitam liberação de uso para seus proprietários, como na escalada em rocha ou pedaladas em estradas de terra durante as práticas de mountain bike. Para apoio e socorro contam com ajuda de equipes particulares que os acompanham, por não haver nesses locais nenhuma estrutura especifica para apoio dos praticantes.

Quando questionado sobre o apoio de órgãos públicos ou iniciativa privada para prática de esportes de aventura, Murilo não hesita em dizer que não há nenhum evento na cidade que incentive a prática destes, apesar de Gramado já ter sido sede de alguns eventos ligados aos esportes de aventura, pelo menos nos últimos 5 anos não houve nenhum evento ligado ao tema.

Em sua loja, Murilo atende a muitos turistas e também aos próprios gramadenses e com essa convivência afirma que há sim muita procura por locais próprios para a prática dos esportes e este nicho de hospedagem seria muito bem vindo ao mundo do turismo em Gramado.

Durante as conversas com meus clientes, sejam eles, da casa ou não, percebo que todos comentam a falta de incentivo dentro dos esportes de aventura na região. Vários perguntam onde podem ir praticar e não tenho o que indicar, pois dependendo do local, a liberação de uso é designada para um ou dois, por exemplo. Os comentários mais comuns dentro dos meus 10 anos no comércio de artigos para esportes de aventura, falam justamente sobre o foco da sua pergunta: “A cidade deveria ter um hotel com pista de moutain bike, parede de escalada, trilhas para caminhada e outros...”

## 4 ÁREA DE INTERVENÇÃO

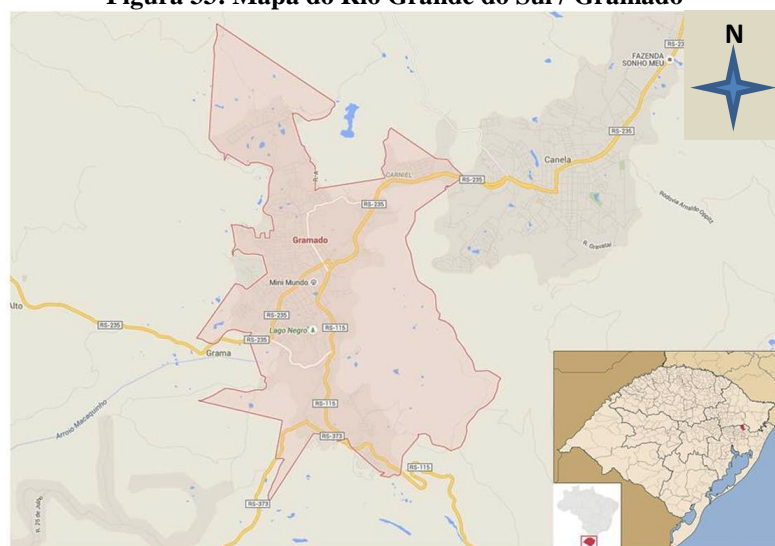
Neste capítulo serão apresentadas informações sobre o município abrangente e a área de intervenção, além de todas as análises pertinentes para o desenvolvimento da proposta em questão.

### 4.1 MUNICÍPIO DE GRAMADO

Gramado é um município do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, onde 90% da receita do município é proveniente de atividades turísticas, a cidade recebe anualmente cerca de 6 milhões de turistas.

Localiza-se na Serra Gaúcha, mais precisamente na Região das Hortênsias, a uma latitude 29° 22' 44" sul e a uma longitude 50° 52' 26" oeste, estando a uma altitude de 830 metros. Sua população estimada em 2013 é de 34.110 habitantes. Possui uma área de 237,019 quilômetros quadrados. Seu principal acesso se dá através da RS-115, embora também seja atendida pelas rodovias RS-235 e RS-373. Gramado dista 115 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre. Faz divisa com Caxias do Sul (ao norte), Três Coroas (ao sul), Canela (a leste), Nova Petrópolis e Santa Maria do Herval (a oeste).

**Figura 33: Mapa do Rio Grande do Sul / Gramado**



Fonte: Google (2016) adaptado pelo autor

Com relevo bastante acidentado é uma cidade que possui belezas naturais exuberantes. A combinação deste relevo com a hidrografia abundante proporciona a Gramado a formação de diversas cascatas e vales.

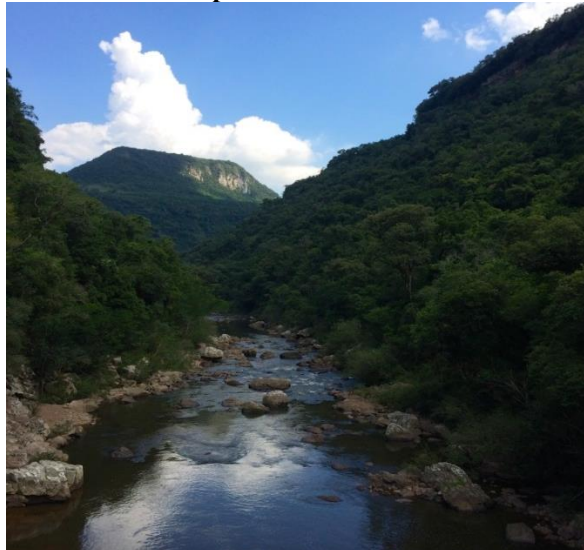
**Figura 34: Vale do Quilombo**



Fonte: Acervo do Autor

O município é parte das bacias dos rios dos Sinos e Caí, e é entrecortado por vários riachos, nascentes, cascatas e lagos, além de possuir uma vegetação ainda densa de araucárias e outras árvores nativas.

**Figura 35: Rio Santa Cruz – Vista da Ponte do Raposo  
Divisa dos municípios de Gramado e Caxias do Sul**



Fonte: Acervo do Autor

No verão, a temperatura é amena, em torno de 22°C, com alguns dias mais quentes, mas com noites sempre agradáveis, moderadas pelo ar das montanhas e dos bosques. Os invernos podem ser rigorosos, com temperaturas abaixo de 0°C, fortes geadas e ocasionais nevadas.

**Figura 36: Neve em Gramado**



Fonte: Google (2014)

Gramado é um dos polos turísticos mais importantes do Brasil, com eventos de destaque internacional, como o Natal Luz, Festival Brasileiro e Latino de Cinema, Festa da Colônia, entre outros. A cidade também se tornou referência de turismo de negócios, sediando congressos e seminários durante o ano todo e conta com estrutura de grandes centros de eventos. (Visão - Agência de Desenvolvimento da Região das Hortênsias, 2016)

A cidade concentra cerca de 70% da oferta regional de 25.000 leitos, 1.000 estabelecimentos comerciais, 200 restaurantes, 2,5 milhões de turistas/ ano e se caracteriza como o pólo da microrregião das Hortênsias, no nordeste da Serra Gaúcha. (Visão - Agência de Desenvolvimento da Região das Hortênsias, 2016).

## 4.2 O LOTE

A escolha do município para a proposta foi devido à cidade de Gramado ser um dos maiores destinos turísticos do Brasil que atrai turistas o ano inteiro juntamente com o fator de possuir um relevo natural atraente que favorece a prática dos esportes em questão.

Para a escolha do lote levou-se em consideração sua localização favorável com montanhas, paredões rochosos, rios, trilhas além do convívio com animais típicos da Mata Atlântica, como uma espécie variada de pássaros e pequenos animais como quatis, bugios, veados e tatus.

**Figura 37: Vista do paredão rochoso a partir do lote**



Fonte: Acervo do Autor (2015)

Na procura pela área destinada à implantação do empreendimento proposto chegou-se à localidade denominada Pedra Branca, zona rural do município, distante aproximadamente dezenove quilômetros do centro da cidade a área possui a geografia adequada para a prática dos esportes de natureza, principalmente a escalada em rocha, devido aos paredões de basalto que originaram o nome da localidade, como também, perfeito para a prática do trekking e do mountain bike.

A estrada geral que liga a área urbana da cidade termina na área escolhida, onde se consegue evitar o fluxo de pessoas e trânsito indesejado de veículos, proporcionando ao hóspede e esportista a tranquilidade de estar isolado podendo desfrutar da paz e silêncio, belezas cênicas que a natureza abundante do lugar proporciona, mas com a comodidade de estar próximo ao centro da cidade que possui ampla infraestrutura caso seja necessário.



**Figura 38 – Localização da área em relação ao centro da cidade de Gramado**



Fonte: Google Earth (2016) Adaptado pelo autor

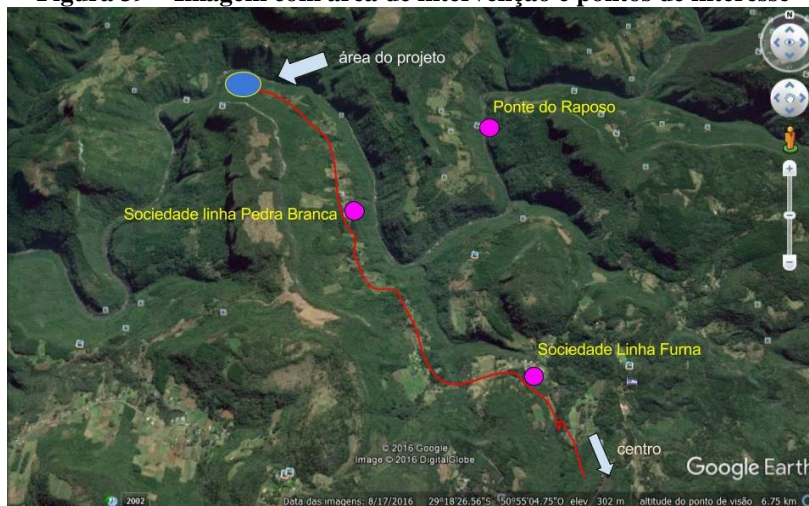
### 4.3 ANÁLISE E LEVANTAMENTO

A área possui cerca de 25 hectares de terra, localizados na linha Pedra Branca, zona rural da cidade de Gramado – RS, distante aproximadamente 19 quilômetros onde cerca de 12 quilômetros são de estrada não pavimentada (estrada de terra).

O entorno predominam casas de sítios, poucos moradores com atividades rurais simples como plantio de hortifrúti e também plantio de acácia e eucalipto.

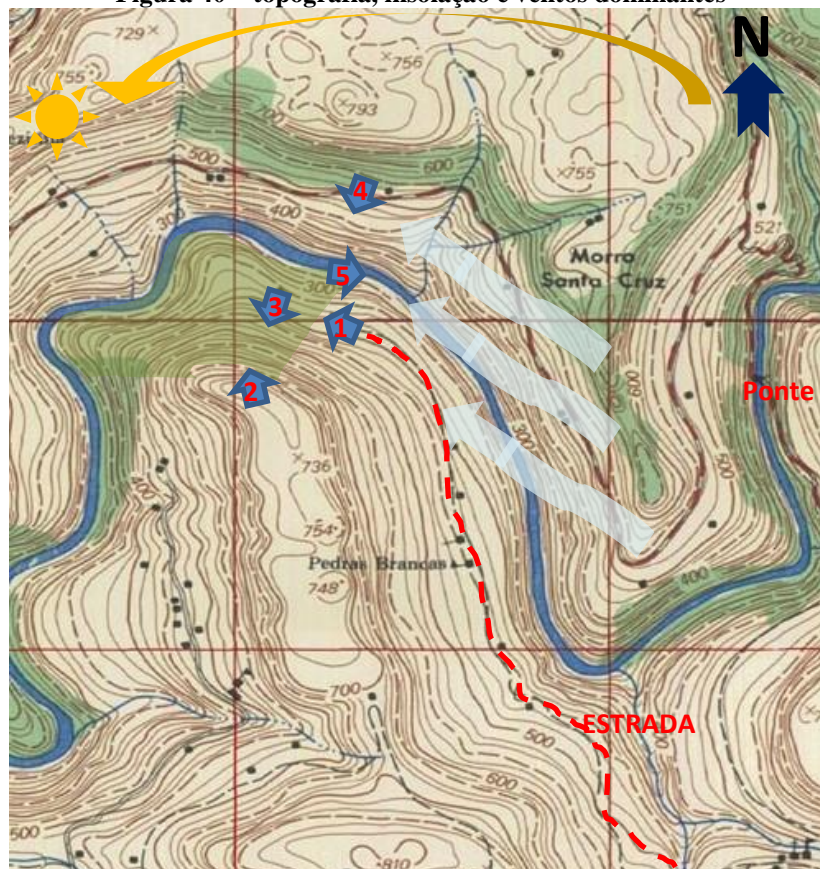
A vegetação no entorno do lote é de mata atlântica, mata ciliar nas proximidades das encostas dos paredões, como na encosta do rio. Alguns trechos bem preservados devido à declividade alta, aproximadamente duzentos metros de desnível a partir da estrada como pode ser observado das fotos e levantamentos a seguir. O restante é de área aberta ou mata secundária, uma vez que cerca de 20 ou 30 anos atrás segundo relatos locais, a região era tomada por plantações de milho e fumo.

**Figura 39 – Imagem com área de intervenção e pontos de interesse**



Fonte: Google Earth(20016) adaptado pelo autor

**Figura 40 – topografia, insolação e ventos dominantes**



Fonte: Carta topográfica – Ministério do Exército (1980) adaptado pelo autor

A incidência solar no lote fica limitada no inverno até às 17h30min, devido à posição por entre os morros do entorno.

A orientação solar ideal é voltada para o norte, ficando o sul voltado para paredão rochoso.

Os ventos dominantes no local são de direção sudoeste com base em dados do INMET e constatação no local por parte deste autor. Sofre forte influencia do rio e do vale que ele forma, o qual canaliza os ventos que conseqüentemente geram o aumento de sua velocidade em alguns períodos principalmente no inverno, uma característica da região diferentemente do vento local ser de influência nordeste para demais área do município.

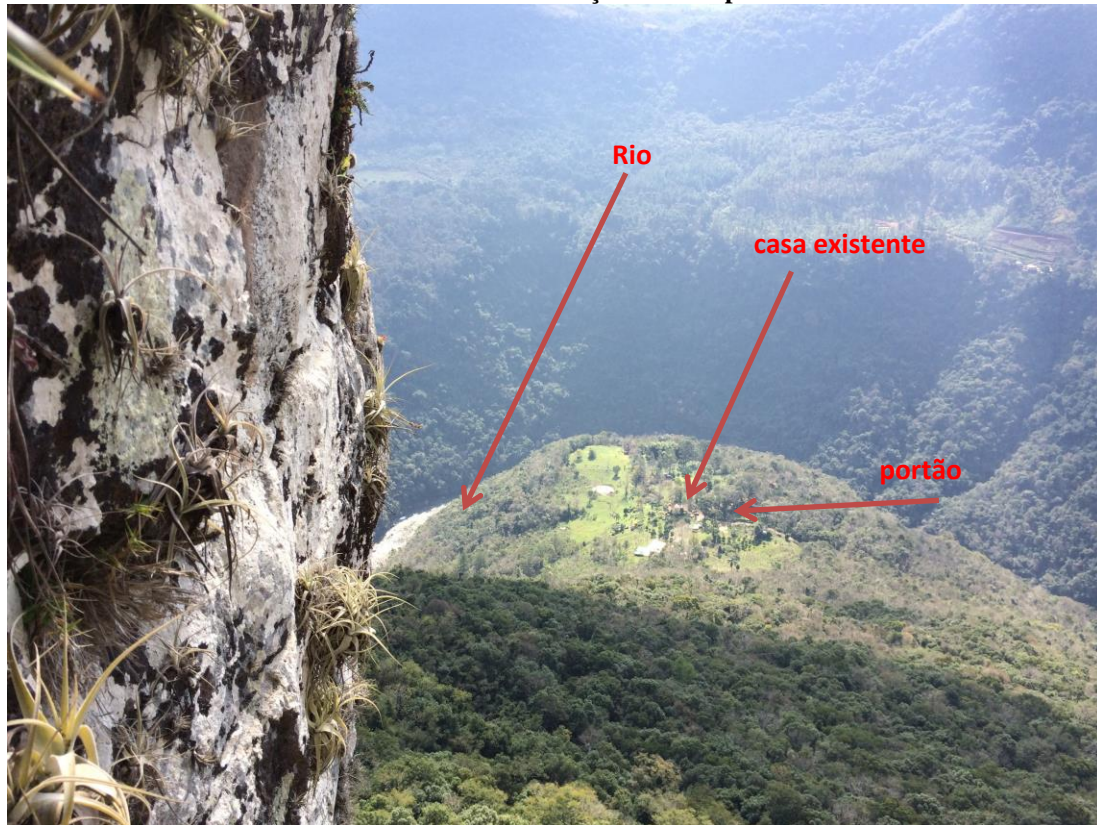
A entrada do lote é marcada pelo fim da estrada com um portão de ferro onde se encontra uma casa que servirá de apoio para instalações do projeto proposto conforme foto a seguir.

**Vista 41 – portão de entrada e casa existente**



Fonte: Autor (2016)

Vista 42 – Vista da área de intervenção desde o paredão rochoso



Fonte: autor (2016)

A altitude da área fica por volta dos 300 metros acima do nível do mar, 500 metros abaixo no nível médio da cidade, o que influencia o clima do local.

- temperatura = é amena no verão e muito fria no inverno.
- umidade atmosférica = alto grau de umidade do ar
- umidade do solo = alto grau de umidade do solo, devido proximidade com mata e rio;
- precipitações atmosféricas = apresenta circunstancialmente, chuva, neve, granizo e geada principalmente no período de inverno.

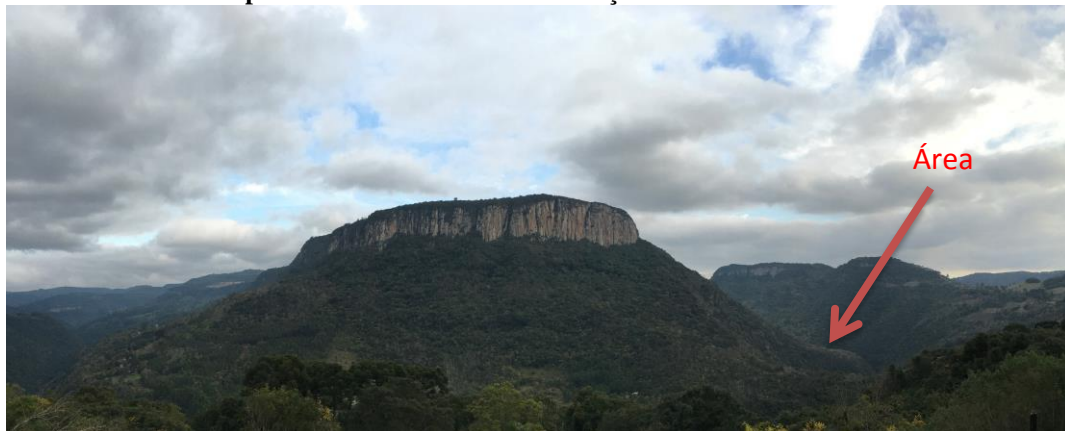
**Vista 43 – visual da casa existente para paredão rochoso**



Fonte: Autor (2016)

Na proximidade da casa existente, encontra-se um pequeno pomar que servirá de uso para o projeto proposto.

**Vista 44 – panorâmica da área de intervenção vista do outro lado do vale**



Fonte: Autor (2016)

Na imagem acima é possível ver o grande desnível que o vale apresenta, na área de intervenção teremos várias níveis devido à geografia acidentada, ideal para a prática de esportes de natureza aqui propostos como apoio ao projeto do Eco Lodge tema deste trabalho.

**Vista 45 – cachoeira existente vista a partir da área**



Fonte: Autor (2016)

O entorno não possui edificações significativas próximas, devido fazer parte de zona rural do município, conforme análise abaixo.

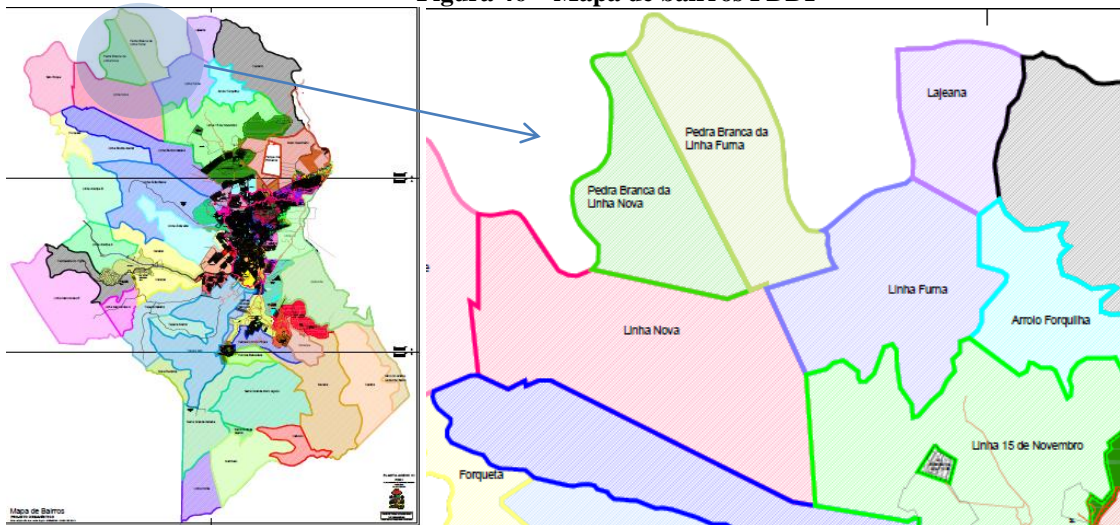
#### 4.4 - PLANO DIRETOR

O Município de Gramado estabelece critérios para o desenvolvimento integrado da área urbana e rural na forma de lei, o qual procura organizar os espaços preservando e mantendo a paisagem natural e edificada, através do seu Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado referenciado pela sigla (PDDI).

A premissa principal do PDDI é a conservação do patrimônio ambiental, através da proteção ao meio ambiente e paisagem natural seja ele nas áreas urbanas ou rurais do município.

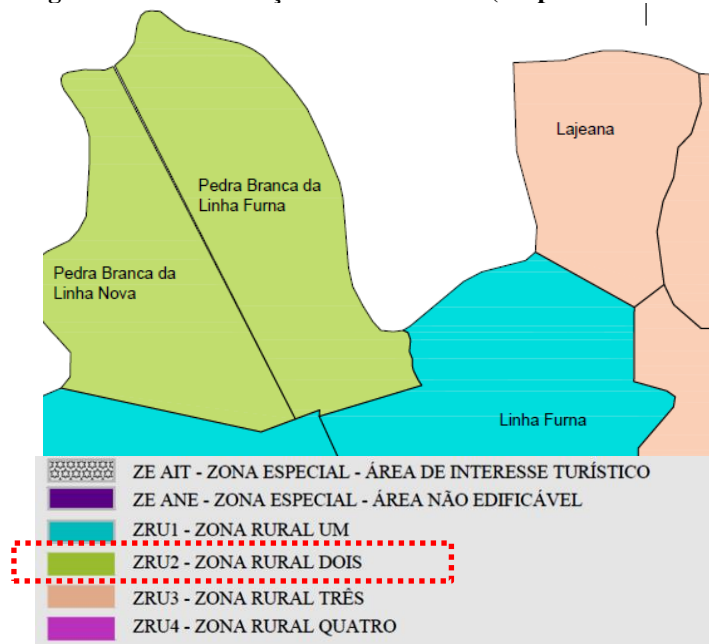
Institui-se através do PDDI diretrizes que norteiam o uso característico e admitido para cada zona através de planilha de requisitos urbanísticos que serão descritos a seguir, com ênfase para a área de implantação do Eco Lodge Pedra Branca, zona rural do município conforme Planta de Zoneamento Urbano e Rural e Mapa de Bairros, Anexo XI do PDDI.

**Figura 46 – Mapa de bairros PDDI**



Fonte: Prefeitura Municipal de Gramado Anexo XI PDDI (2014) Adaptado pelo Autor

**Figura 47 – Identificação da zona de uso (Mapa de Zoneamento PDDI)**



Fonte: Prefeitura Municipal de Gramado Anexo X lei 3.296/2014 (2016) Adaptado pelo Autor

Identificado a zona de uso como ZRU2 – ZONA RURAL DOIS segue a análise da planilha de requisitos urbanísticos. **(anexo II)**

Determina que para instalações de hotéis e pousadas, será permitido somente a construção de um único empreendimento de até 5UHs (unidades hoteleiras) por matrícula. Salvo que para o empreendimento proposto será utilizada a área desmembrada em mais de uma matrícula, podendo alcançar o número máximo de unidades conforme lançamento inicial do tema deste trabalho.

O desmembramento de área rural, fica limitado a área mínima de três hectares (3Ha), conforme confirmado em documento da secretaria de planejamento do município de Gramado também em anexo.

Qualquer protejo de “caráter especial” que por algum motivo não se enquadre aos critérios estabelecidos pelo PDDI, poderá, através de apresentação de um estudo de viabilidade solicitar ao Conselho Técnico (C-PDDI) parecer favorável para a aprovação do projeto. Como o conselho possui somente atribuições consultivas e não deliberativas, após análise e parecer, cabe a câmara de vereadores autorizar ou não a “exceção” a lei do PDDI.

Figura 48 – Anexo I - Planilha requisitos urbanísticos PDDI

<b>ANEXO I</b>		
<b>ZONA RURAL 2</b> - L. Marcondes A, L. Araripe A, Carahá, L. Ávila Alta, Tapera Alemã, Tapera Italiana, Linha Bonita Alemã, Linha Bonita Italiana, Serra Grande (Independente, Rua Paralelepipedos, Linha dos Porcos), Pedra Branca da Linha Furna, Morro do Arame ou Quilombo Baixo, Serra Grande Alemã, Gambelo, Moreira, Pedra Branca da Linha Nova e Forqueta		
<b>CARACTERÍSTICOS - Anexo II</b>		<b>Observações</b>
18.1	ESTABELECIMENTO DE ENSINO	<b>I M P O R T A N T E</b>
20.1 E 20.2	RESTAURANTES BARES E CONGENERES	
21.1 a 21.9 e 21.11	INDUSTRIA TIPO I	
22.1 a 22.9; 22.24 e 22.26	INDUSTRIA TIPO II	
23.1 a 23.13	ATIVIDADES RURAIS	
		4 - RESIDENCIA UNIFAMILIAR. PODERA SER EDIFICADO NO MÁXIMO 450,00 m <sup>2</sup> , EM ATÉ 3 UNIDADES RESIDENCIAIS, POR MÓDULO DE 3,0 HECTARES, NÃO PODENDO ULTRAPASSAR ESTA METRAGEM NO MÓDULO DEMARCADO (VER FIGURA 8A E 8B)
		5- EXCLUSIVAMENTE PARA AS ATIVIDADES 22.24 e 22.26 FICA A EDIFICAÇÃO LIMITADA A 100m <sup>2</sup> DE ÁREA DE CONSTRUÇÃO
		6 - NO CASO DE HOTEIS E POUSADAS, SERÁ PERMITIDO SOMENTE A CONSTRUÇÃO DE UM ÚNICO EMPREENDIMENTO DE ATÉ 5 UHs POR MATRICULA.
		7- PARA ITEM 4.21, SOMENTE PARA AS

Fonte: Prefeitura Municipal de Gramado (2016) modificado pelo autor



Para a implantação de meios de hospedagem transitória, faz parte da lei do PDDI do Município de Gramado, a Tabela de coeficiente hoteleiro, anexo III da referida lei conforme descrito a seguir, que confirma a observação anteriormente vista.

**Figura 49 – Anexo III - Tabela Coeficiente Hoteleiro**

ZRU1	Zona Rural Um	C
ZRU2	Zona Rural Dois	C
ZRU3	Zona Rural Três	D
ZRU4	Zona Rural Quatro	C
NU 2	Núcleo Urbano	76

C) Para estas zonas somente será permitido a construção de um único empreendimento de até 5 unidades de hospedagem por matrícula.

Fonte: Prefeitura Municipal de Gramado (2016) adaptado pelo autor

Fica estabelecido de acordo com o capítulo VII do PDDI, conforme transcritas a seguir, diretrizes para as instalações de hospedagem transitória, as quais foram destacadas as que se aplicam a área de intervenção tema deste trabalho.

**Art. 120.** A taxa de ocupação (TO) sofrerá uma redução de 10% sobre a TO exigida na respectiva zona de uso.

**Art. 121.** Será exigido um aumento de 50% do recuo frontal obrigatório.

**Art. 122.** Para cada 50m<sup>2</sup> de área útil de unidade de hospedagem deverá ser apresentado uma vaga de estacionamento obrigatória, preferencialmente em subsolo. As vagas excedentes descobertas que estiverem no térreo computam 100% na TO e IA.

Parágrafo Único. Se as unidades de hospedagem forem matrículas individualizadas será exigida uma vaga de estacionamento para cada unidade.

**Art. 123.** Independente da metragem quadrada para a aprovação de instalações de hospedagem transitórias deverá ser apresentado Projeto de Prevenção Contra Incêndios (PPCI);

**Art. 124.** Caso não exista rede coletora de esgoto, deverá ser instalada uma estação de tratamento de esgoto (ETE), devidamente licenciada pelo órgão competente.

**Art. 125.** Será obrigatória, nas instalações de hospedagens transitórias, a instalação de cisterna para captação das águas pluviais, na proporção de 300 litros por UH, devendo ser observado o disposto no Capítulo VII, desta Lei.

**Art. 128.** Deverá ser previsto um percentual mínimo de 25% de seu índice de aproveitamento (IA) utilizado para instalações destinadas a serviços tais como: recepção, restaurantes, café, equipamento de lazer, sala de eventos, piscinas, academias e demais equipamentos que agreguem valor qualitativo ao hoteleiro, funcionários e seus hóspedes.

**Art. 129.** Fica estabelecido o “coeficiente de hospedagem”, sendo este um índice utilizado para determinar a quantidade máxima de unidades de hospedagem (UH, apartamentos) permitidas sobre a área do terreno.

**§1º** O número de unidades de hospedagem será resultado da divisão da área do terreno pelo coeficiente de hospedagem do respectivo zoneamento, conforme estabelecida na tabela Tabela de Coeficiente Hoteleiro (Anexo III).

Ainda conforme o §3º do art.129 somente será permitida a instalação de estabelecimentos de hospedagem transitória nas Zonas Rurais (ZRU1, **ZRU2**, ZRU3 e ZRU4) com o número de unidades hoteleiras diferentes das previstas na Tabela de Coeficiente Hoteleiro – Anexo III, observando os seguintes critérios:

**I** – apresentar atividades culturais, turísticas e preservacionistas (fauna e flora), devidamente regulamentadas pelo órgão competente, e possuir reconhecimento público, observando o disposto neste artigo.

**II** – estas atividades devem estar em funcionamento por no mínimo 5 (cinco) anos;

**III** – apresentar matrícula ou matrículas com área superior a 20 hectares, na soma, pertencentes ao mesmo proprietário e/ou grupo empresarial;

**IV** – apresentar aval positivo de todos os Conselhos: C-PDDI, COMDEMA, COMDER;

Para o projeto proposto, será desmembrada a área em mais de uma matrícula a fim de permitir a implantação de mais unidades hoteleiras, desde que obedecendo a lei pertinente, alternativa confirmada pela secretaria de planejamento através de documento em anexo.

## 5 PROPOSTA DE PROJETO

### 5.1 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLOGOS E FORMAIS

Para a elaboração do Eco Lodge Pedra Branca, foram pesquisadas e analisadas referências internacionais devido ao fato de que em outros países a prática de esportes em meio à natureza, como escaladas, caminhadas e também o mountain bike, tendo ou não a necessidade de hospedagem, são bem mais comuns do que no Brasil.

Tradicionalmente países europeus se destacam por incentivar as pessoas à prática destes esportes. Com isto o embasamento foram os alojamentos de montanha, como refúgios em locais isolados os quais possuem dependências de uso coletivo estilo hostel ou até mesmo individuais. No momento da pesquisa a procura foi por algo semelhante aos refúgios alpinos (*shelters*), onde montanhistas se utilizam do mesmo para abrigo coletivamente, não havendo necessidade de camping.

Como o programa de necessidades e a forma apresentada, não satisfazem as necessidades do tema desta pesquisa, a busca foi direcionada para pequenas habitações com a denominação de alojamentos - lodges, que veem sendo empregados em algumas regiões pelo mundo principalmente em parques nacionais, e que aqui no Brasil, empregada do “jeitinho brasileiro” ainda que sem uma classificação específica para este meio de hospedagem.

Ambos os projetos que foram adotados como referenciais servirão como base para a elaboração do Eco Lodge Pedra Branca, em sua maioria no quesito análogo, por ter como ideia principal a elaboração de edificações separadas umas das outras, dispostas sobre terreno irregular e com uma área de uso em comum (convivência). Além do programa de necessidades apresentados por ambos, serão ainda usadas na elaboração do projeto, outras edificações com funções distintas como, loja para venda e aluguel de equipamentos, unindo esta nova proposta com o conforto e a comodidade que um hotel convencional pode oferecer, os quais serão apresentados no programa de necessidades do projeto tema desta pesquisa.

### 5.1.1 SKÅPET MOUNTAIN LODGES IN SODDATJØRN

#### **Ficha Técnica:**

**Nome:** Skapet Mountain Lodges

**Projeto:** Soko Architects

**Área Construída:** 350,00m<sup>2</sup>

**Localização:** Forsand, Noruega

**Materialidade:** metal e madeira

**Ano:** 2016

O projeto do Skaped Mountain Lodge Figura 50, consiste em uma série de habitações (alojamentos) em uma importante cadeia de montanhas junto ao lago Soddatjørn muito frequentada por praticantes de trekking em Forsand na Noruega.

**Figura 50 Vista geral**

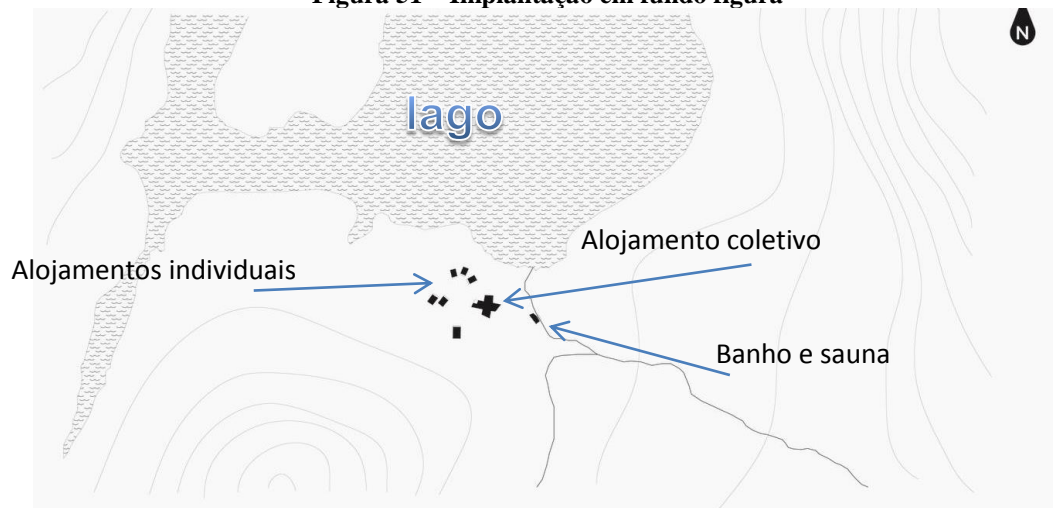


Fonte: Archdaily (2016)

O projeto é composto por oito edificações distintas como pode ser observado na implantação (figura 51) uma edificação principal, onde está localizado uma área de convivência com estar e cozinha coletiva (figura 52) , e os alojamentos isolados onde acomoda-se em torno de 25 a 30 pessoas. Possui ainda um banheiro coletivo e uma sauna. Devido estar localizado em uma área de difícil acesso, a qual não possui nenhuma fonte de

energia principal, suas instalações contam com painéis solares fotovoltaicos para a iluminação. (ARCHDAILY 2016)

**Figura 51 – Implantação em fundo figura**



FONTE: Archdaily (2016) adaptado pelo autor

**Figura 52 – Planta e corte de edificação principal**



Fonte : Archdaily (2016) adaptado pelo Autor

**Figura 53 – Vista interna da edificação principal**



Fonte: Archdaily (2016)

As estruturas são leves com perfis revestidos de painéis metálicos de zinco, o que se adequa perfeitamente ao ambiente por dar baixa manutenção principalmente devido ao clima severo da região, com muito vento e neve.

Internamente as habitações contam com um aquecedor a lenha, possuem revestimento interno em madeira o que melhora o conforto térmico além de tornar o ambiente mais aconchegante conforme figura xx, possui também uma de suas fachadas totalmente envidraçada, proporcionando a bela vista da paisagem ao seu entorno. (ARCHDAILY, 2016).

**Figura 54: Vista interna do alojamento**



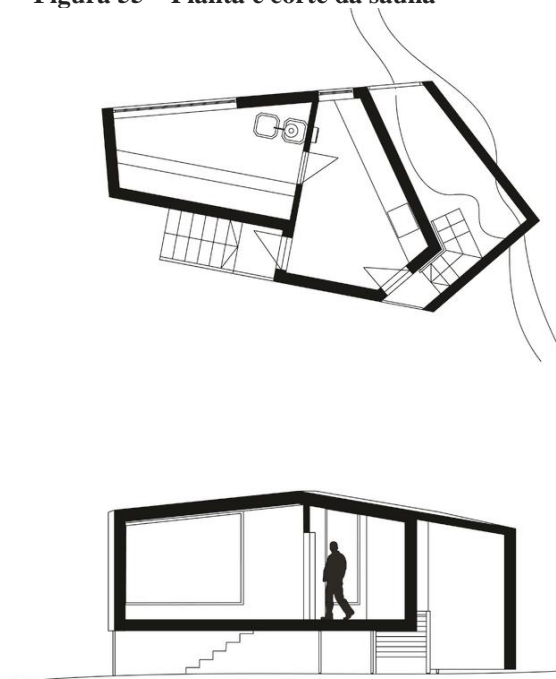
Fonte : Archdaily (2016)

Conta ainda com uma sala de banho e uma sauna, esta última por tradição dos povos nórdicos, em uma edificação isolada das demais, localizada logo a cima de um córrego, onde é aquecida por lenha.

Os visitantes são geralmente membros de associações de trekking da Noruega o que faz com que o sistema de funcionamento do Skapet Mountain Lodges seja na base da confiança, ou seja, cada pessoa deixa dinheiro para a acomodação em uma caixa dentro do seu alojamento ou preenche um formulário de fatura com suas informações pessoais para pagamento posterior.

É também a tarefa dos visitantes cuidar dos visitantes que vêm depois deles: todos são responsáveis pelo reabastecimento e fornecimento de alimentos, lenha e pela limpeza dos alojamentos antes de sair, deixando assim pronto para o recebimento dos próximos hóspedes. (ARCHDAILY 2016)

**Figura 55 – Planta e corte da sauna**



Fonte: Archdaily (2016)

## **Análise**

Alguns pontos do projeto poderão servir de referência tanto análoga como formal. Análoga pela disposição das edificações na implantação geral: cabanas dispersas pelo terreno. Este tipo de implantação parece, preliminarmente, a mais adequada ao tema aqui proposto (Eco Lodge Pedra Branca). Porém, o programa de necessidades do projeto pesquisado é muito simples por se tratar de outro estilo de proposta. O público alvo do projeto analisado são praticantes de trekking que realizam travessias da região montanhosa de mais de um dia, onde faz-se necessário a pernoite, seja para descanso ou para abrigo devido ao mal tempo.

Por outro lado, o projeto serve como referencia formal quanto a materialidade e a forma, que estão dentro das pretenções do futuro projeto, pois há interesse no emprego de estruturas leves, formas arquitetônicas modernas, visando também a sustentabilidade, com emprego de materiais de baixa manutenção que por ventura possam ser reaproveitáveis. Que se destaque em meio a natureza sem agredir visualmente a mesma, se complementem de forma harmonica.

**Figura 56 – Imagem noturna**



Fonte : Archdaily (2016)



### 5.1.2 CABANAS PARQUE WHITETAIL WOODS

#### **Ficha Técnica:**

**Nome:** Whitetail Woods Regional Park (Cabanas Parque Whitetail Woods)

**Projeto:** HGA Architects and Engineers

**Área Construída:** 441,00 m<sup>2</sup> (total)

**Localização:** Minneapolis / St. Paul – Minnesota EUA

**Materialidade:** Madeira

**Ano:** 2014

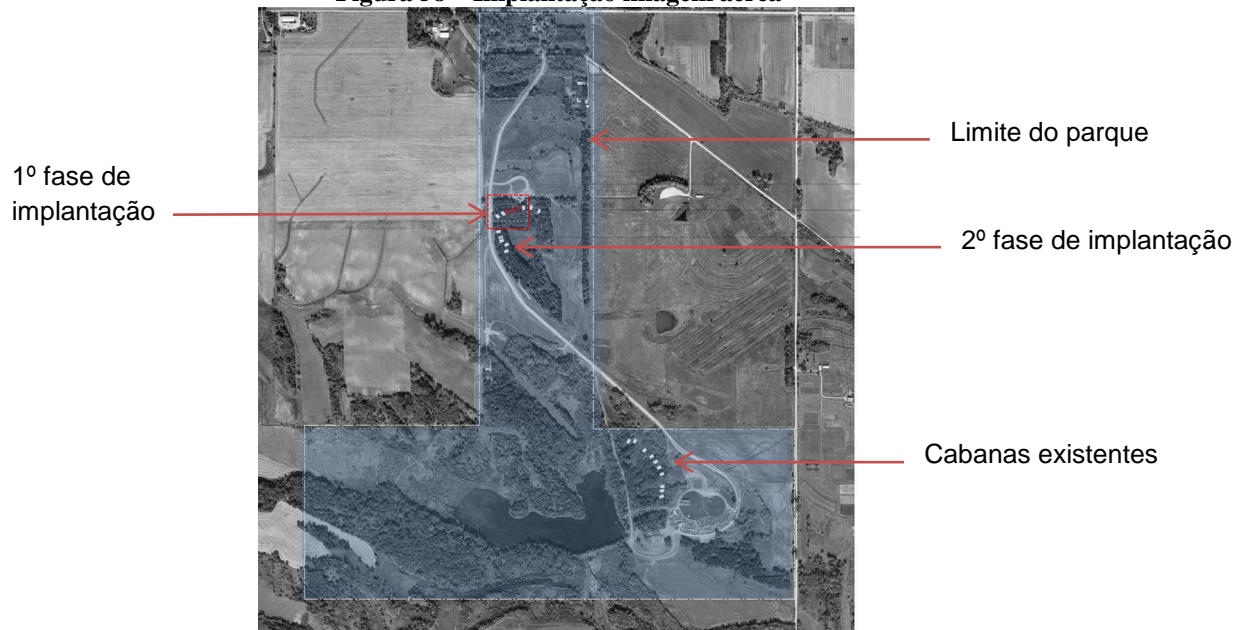
O projeto consiste na implantação de cabanas campistas do parque regional de Minneapolis no estado de Minnesota. Inicialmente foram implantadas três novas cabanas em uma primeira etapa que fazem parte da reformulação dos parques da região.

**Figura 57 – Vista do conjunto de cabanas**



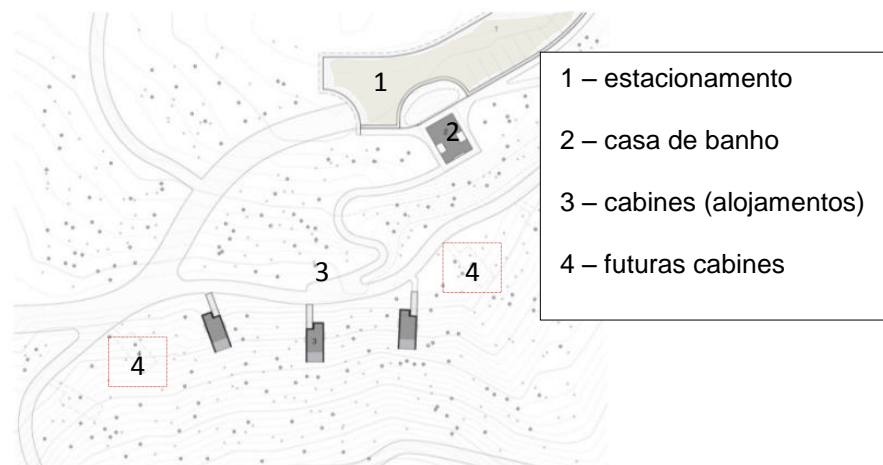
Fonte: Plataforma Arquitectura

O conceito de elaboração das cabanas surgiu da ideia de uma casa na árvore. Porém, para tornar acessível a todos, as cabanas tem seu acesso através de uma ponte, pela parte alta da colina. Com 21,00m<sup>2</sup> contando ainda com o deck de 7,00m<sup>2</sup>, as cabanas oferecem um bom espaço, contando com eletricidade, iluminação, calefação e ventilação natural com janelas voltadas para cima do bosque, o que além da vista confere ao aventureiro uma grande comodidade ao ar livre durante a noite. (PLATAFORMA ARQUITECTURA 2016)

**Figura 58 – Implantação imagem aérea**

Fonte: plataforma arquitectura (2016) adaptado pelo autor

No interior, possui dois grandes nichos que fazem a função de beliche, uma área de jantar e uma área de estar oferecem acomodações ideais para quatro pessoas, enquanto um sofá cama e um assento dobrável, escondido em um armário embutido, podem acomodar confortavelmente seis pessoas. As cabanas tem uma casa de banho comum na colina acima.

**Figura 59 – Implantação**

Fonte: plataforma arquitectura (2016) adaptado pelo autor

Construído sobre pilares de concreto para minimizar o impacto sobre o meio ambiente, as cabanas variam entre 4 e 5 metros acima do nível natural com árvores ao alcance das mãos, criando privacidade e intimidade com o ambiente natural. Acima das estacas de fundação de concreto, a estrutura feita em madeira de cedro vermelho compensada, as demais partes são de pinho e cedro, dependendo da visibilidade e exposição. (PLATAFORMA ARQUITECTURA 2016)

**Figura 60 – Vista interna da cabana**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

O revestimento externo se dá com telhas de cedro escuro que se mesclam perfeitamente à beleza da floresta de pinheiros onde estão as cabanas, enquanto no interior está a madeira natural para criar um ambiente mais quente e aconchegante. Vidro do piso ao teto no limite entre o estar e o deck emolduram a floresta, criando assim um ponto focal do seu interior.

**Figura 61 – Vista interna da cabana – ponto focal - parede de vidro**



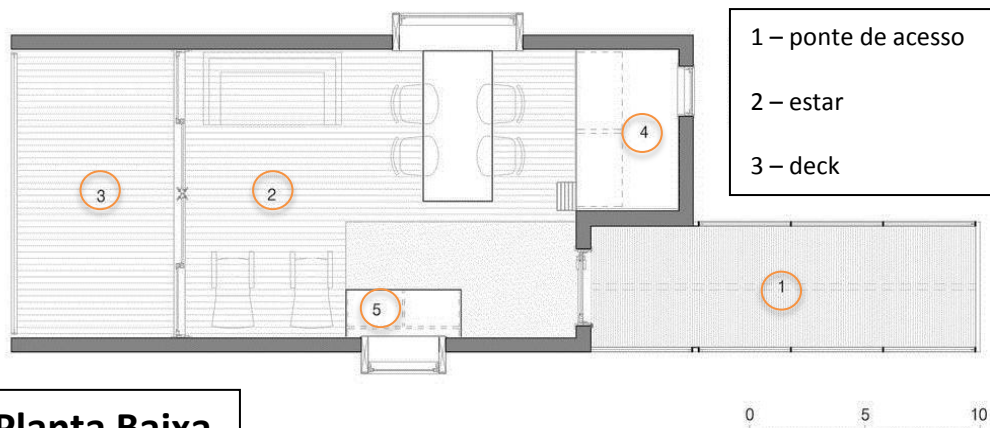
Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

**Figura 62 – Vista externa**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

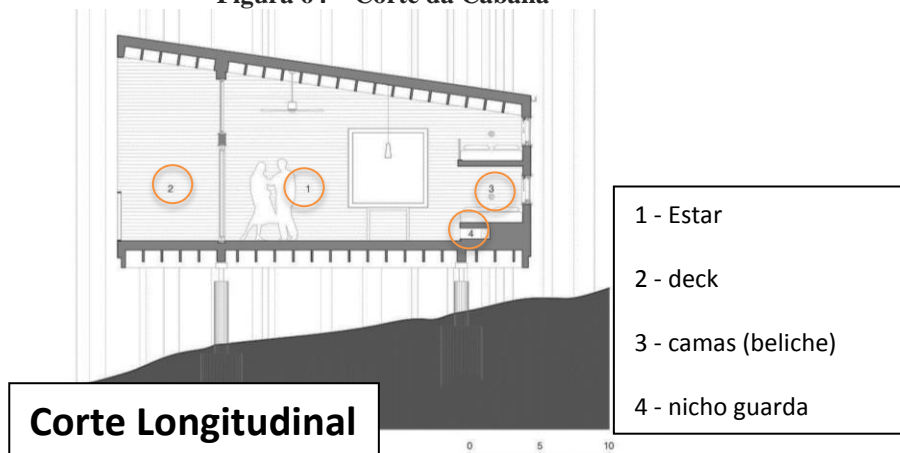
**Figura 63 – Planta baixa da cabana**



**Planta Baixa**

Fonte: Plataforma Arquitectura (2016) adaptado pelo autor

**Figura 64 – Corte da Cabana**



**Corte Longitudinal**

Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

**Análise:**

As cabanas aprimoram a ideia de forma e materialidade para a proposta do Eco Lodge Pedra Branca. A solução de elevar as edificações do terreno, gerando menos impacto ao mesmo, é de grande relevância para a implantação no terreno em estudo para o futuro projeto. O emprego da madeira para maior conforto e aconchego ao hóspede confere também um menor impacto visual ao bosque onde está implantada, tornando o conjunto mais harmônico. Agregaria conforto à edificação proposta, já que possui uma boa metragem, a parte de banho integrado à mesma, o qual será levado em consideração para a proposta de projeto tema deste trabalho.

## 5.1.3 HOTEL AWASI PATAGONIA

**Ficha Técnica:**

**Nome:** Hotel Awasi Patagonia

**Projeto:** Felipe Assadi e Francisca Pulido

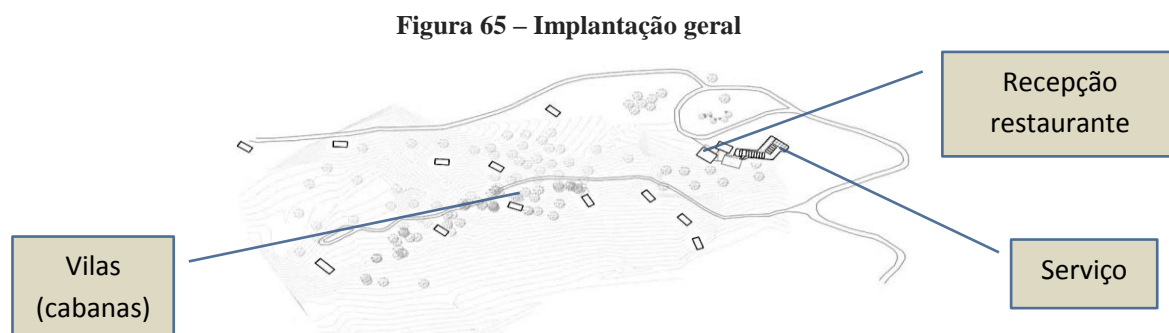
**Área Construída:** cabanas de 80m<sup>2</sup> cada

**Localização:** Torres del Paine , Chile

**Materialidade:** Madeira

**Ano:** 2014

O projeto do hotel Awasi na Patagônia Chilena é composto por doze habitações separadas além de uma área comum. Onze cabanas individuais chamadas de vilas (lodges) possuem uma metragem de 80m<sup>2</sup> enquanto apenas uma difere das demais por possuir duas suítes, tendo 120m<sup>2</sup>. Em seu contexto são denominadas de Vilas.



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016) adaptado pelo autor

A premissa de elaboração do projeto foi de que o hotel ficasse escondido, pois a natureza onde seria inserido, no caso o vasto pampa patagônico, não sofresse a interrupção por um edifício. Foi então que os arquitetos resolveram por criar unidades isoladas, se espalhando por entre a borda de uma floresta nativa da região. (PLATAFORMA ARQUITECTURA 2016)

**Figura 66 – vista da área comum (parte alta) e das vilas abaixo**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

A arquitetura foi inspirada nos antigos refúgios patagônicos e postos de fazenda da região, utilizando-se de madeira como matéria prima, a estrutura é externa e aparente, onde a fragilidade do solo e a umidade constante do mesmo, fez com que as construções fossem elevadas do solo, como palafitas. A distância do centro urbano, assim como o clima instável da região, fez com que fossem pré-fabricados a maior parte do hotel, facilitando a construção (PLATAFORMA ARQUITECTURA 2016).

Não foi projetado um hotel que pudesse ser construído com mão de obra local, e baixa tecnologia. Procurou-se no projeto evitar detalhes sofisticados, até porque não eram importantes, mas sim para evitar erros que poderiam atrasar e encarecer o andamento da obra. Foi a metodologia do projeto.

**Figura 67 – vista da área comum (restaurante)**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

**Figura 68 – vista de duas vilas**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

Nas imagens anteriores destaca-se a materialidade das edificações, a simplicidade, a harmonia com o entorno e o afastamento da edificação com o solo, onde tem se uma elevação de 1 metro em relação ao perfil natural do terreno.

A distribuição das unidades é de maneira que cada uma possa gozar de privacidade além de aproveitar a paisagem do entorno, com vistas para o lago Sarmiento, do pampa e do Parque Nacional Torres del Paine.

**Figura 69 – vista desde a área comum (terraço / estar)**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016)

A conexão entre as unidades se dá por acesso entre passarelas de madeira, que contorna as árvores e adaptando-se ao perfil natural do terreno.

**Figura 70 – Planta baixa da área comum**



Fonte: Plataforma Arquitectura (2016) adaptado pelo autor



## 5.2 PROJETO PROPOSTO

### 5.2.1 PÚBLICO ALVO E PORTE

O Eco Lodge Pedra Branca buscará como público alvo pessoas que buscam se afastarem da rotina obrigatória imposta pelo dia a dia, praticantes de atividades ao ar livre de diferentes modalidades, ou para aqueles que querem somente a contemplação da natureza.

Gramado por si só é encantadora em vários aspectos, possui ruas limpas e floridas, parques temáticos além de ampla rede gastronômica e hoteleira, buscando oferecer a maior infraestrutura turística do Rio Grande do Sul, e um importante polo turístico nacional. Contudo, peca em não ofertar um produto diferenciado ao visitante que visa um maior contato com a natureza. Pensando neste nicho de mercado, foi então proposto o projeto tema deste trabalho, a fim de oferecer ao visitante a oportunidade de desbravar e desfrutar da cidade em seu estado mais natural, dando-lhe a oportunidade de conhecer as belas paisagens do interior do município, além de proporcionar a interação total com a natureza através de esportes de aventura.

Voltado a diversas faixas etárias, desde atletas amadores de finais de semana até os mais “experts” nas modalidades, oferecendo uma hospedagem única na região em “lodges” individualizados (alojamentos) o empreendimento ofertará também além de serviços básicos de hotelaria, uma loja para venda e aluguel de equipamentos de esporte outdoor, serviço de guia local para as atividades propostas, instalações coletivas estilo hostel, permitindo maior autonomia ao visitante mochileiro.

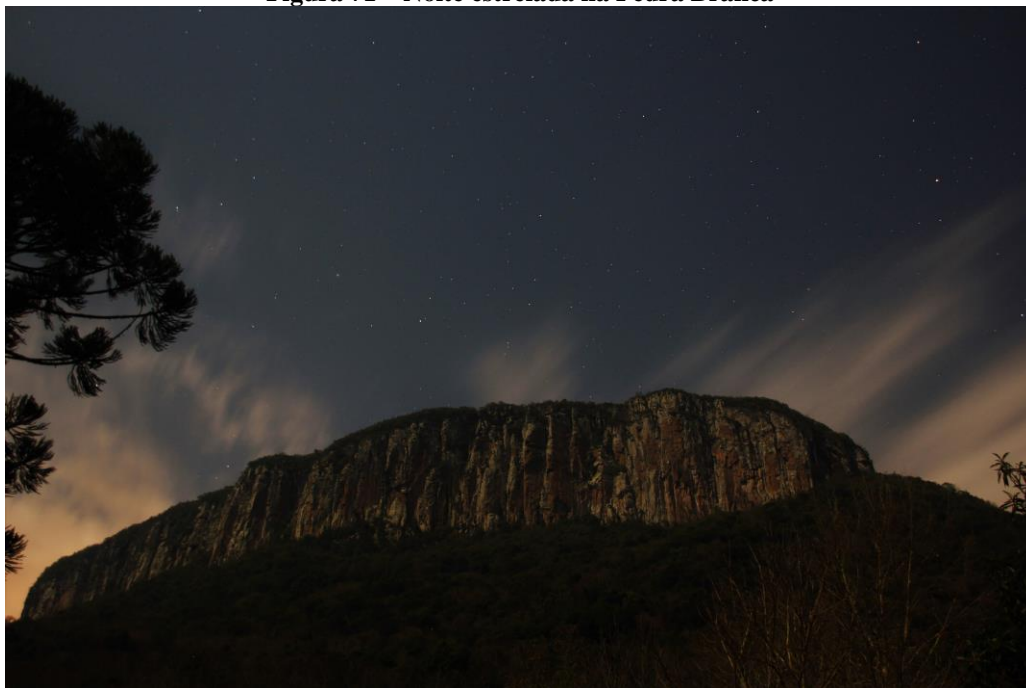
Inicialmente contará com 10 unidades de lodges, inspirados em refúgios de montanhas cuidadosamente inseridos em meio a natureza, priorizando a privacidade ao mesmo tempo em que proporcionará as melhores vistas do vale do rio Santa Cruz e do imponente paredão rochoso que dá nome a localidade.

Acomodará tranquilamente 56 pessoas entre os lodges e a hospedagem coletiva, e contará com quadro reduzido de funcionários. Podendo ser inserida na categoria de

pousada, que basicamente são hospedagens de lazer, com algumas características de resorts em menor escala com instalações mais modestas (ANDRADE; BRITO; JORGE 2001).

Instalações para a prática de esportes têm ênfase na localização e a especialidade do hotel. A classificação hoteleira deste pequeno refúgio ficará sob responsabilidade dos órgãos competentes, mas proporcionará ao hospede visitante a oportunidade de se hospedarem com milhões de estrelas ao alcance dos seus olhos.

**Figura 71 – Noite estrelada na Pedra Branca**



Fonte: Autor (2015)

### 5.2.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Exercem papel fundamental que norteiam como o próprio nome diz as necessidades para a elaboração do projeto proposto. Com base no programa elaborado, será desenvolvido o pré-dimensionamento dos ambientes que compõem o projeto.

O desenvolvimento se deu através de consulta bibliográfica voltado ao estudo para áreas e instalações hoteleiras, o que foi de fundamental importância para setorizar o programa determinando assim áreas básicas para o bom desempenho do projeto. A setorização do Eco Lodge Pedra Branca, tema deste trabalho se dará da seguinte forma:

- **Setor 01** - Administrativo – onde ficará localizado recepção, gerência
- **Setor 02** - Serviços – vestiários, manutenção, despensas
- **Setor 03** - Lazer - sala de estar, jogos , ofurô
- **Setor 04** - Alojamentos - área destinada a hospedagem
- **Setor 05** - Espaços abertos – espaços abertos piscina, horta, estacionamentos.

Desta forma foi desenvolvido o pré-dimensionamento onde a inter-relação destes espaços, posição das dependências, fluxos de hóspedes como de fluxo de serviço são de fundamental importância para a organização do espaço conforme apresentado no organograma desenvolvido no item a seguir.

**Tabela 1 – Tabela de pré-dimensionamento**

<b>SETOR 1- ADMINISTRATIVO</b>				
<b>AMBIENTE</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>QUNT.</b>	<b>ÁREA UNITÁRIA</b>	<b>ÁREA TOTAL</b>
RECEPÇÃO/ HALL	Área destinada a recepcionar hóspedes e visitantes	1	50,00m <sup>2</sup>	50,00m <sup>2</sup>
GERÊNCIA	Área para sala individual para o gerente	1	15,00m <sup>2</sup>	15,00m <sup>2</sup>
SANITÁRIO	Área para sanitários feminino e masculino	2	4,00m <sup>2</sup>	8,00m <sup>2</sup>
SANITÁRIO PNE	Área para sanitário único para portadores de necessidades especiais	1	2,60m <sup>2</sup>	2,60m <sup>2</sup>
<b>TOTAL</b>				<b>75,60m<sup>2</sup></b>

<b>SETOR 2 - SERVIÇOS</b>				
<b>AMBIENTE</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>QUNT.</b>	<b>ÁREA UNITÁRIA</b>	<b>ÁREA TOTAL</b>
COZINHA	Área de preparo de alimentos	1	40,00m <sup>2</sup>	40,00m <sup>2</sup>
REFEITÓRIO HÓSPEDES	Área para refeições de hóspedes café da manhã, almoço e jantar (56 pessoas)	1	100,00m <sup>2</sup>	100,00m <sup>2</sup>
REFEITÓRIO FUNC.	Área para refeições de funcionários café da manhã, almoço e jantar (10 pessoas)	1	30,00m <sup>2</sup>	30,00m <sup>2</sup>
ALMOXARIFADO	Área para controle de estoque	1	15,00m <sup>2</sup>	15,00m <sup>2</sup>
DESPENSA	Área para armazenamento de alimentos e bebidas	2	10,00m <sup>2</sup>	20,00m <sup>2</sup>
ROUPARIA	Área para armazenamento de roupas de cama e toalhas para os alojamentos	1	18,00m <sup>2</sup>	18,00m <sup>2</sup>
DEPÓSITO EQUIPAMENTOS	Área para depósito de equipamentos em geral jardim, piscina, manutenção	1	60,00m <sup>2</sup>	60,00m <sup>2</sup>
LAVANDERIA	Área para lavar e secar as roupas da pousada, roupas de cama, toalhas, etc	1	30,00m <sup>2</sup>	30,00m <sup>2</sup>
VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS	Área para troca de roupas de funcionários armários para guardar pertences particulares	2	20,00m <sup>2</sup>	40,00m <sup>2</sup>
ALOJAMENTO FUNCIONÁRIOS	Área para funcionários com dormitório e banheiro	1	15,00m <sup>2</sup>	15,00m <sup>2</sup>
CENTRAL DE GÁS	Área destinada à central de gás	1	18,00m <sup>2</sup>	18,00m <sup>2</sup>
MEDIDORES	Área destinada aos medidores	1	9,00m <sup>2</sup>	9,00m <sup>2</sup>
SEPARAÇÃO DE LIXO	Área para separação e reciclagem do lixo	1	25,00m <sup>2</sup>	25,00m <sup>2</sup>
COMPOSTEIRAS	Área destinada ao aproveitamento de lixo orgânico	1	15,00m <sup>2</sup>	15,00m <sup>2</sup>
<b>TOTAL</b>				<b>435,00m<sup>2</sup></b>

<b>SETOR 3 - LAZER</b>				
<b>AMBIENTE</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>QUNT.</b>	<b>ÁREA UNITÁRIA</b>	<b>ÁREA TOTAL</b>
LOJA DE CONVENIÊNCIA	Área para venda de mercadorias para consumo no período da hospedagem	1	30,00m <sup>2</sup>	30,00m <sup>2</sup>
LOJA	Área para venda de souvenirs e equipamentos esportivos	1	70,00m <sup>2</sup>	70,00m <sup>2</sup>
MASSAGEM	Área de massagem para relaxamento	1	9,00m <sup>2</sup>	9,00m <sup>2</sup>

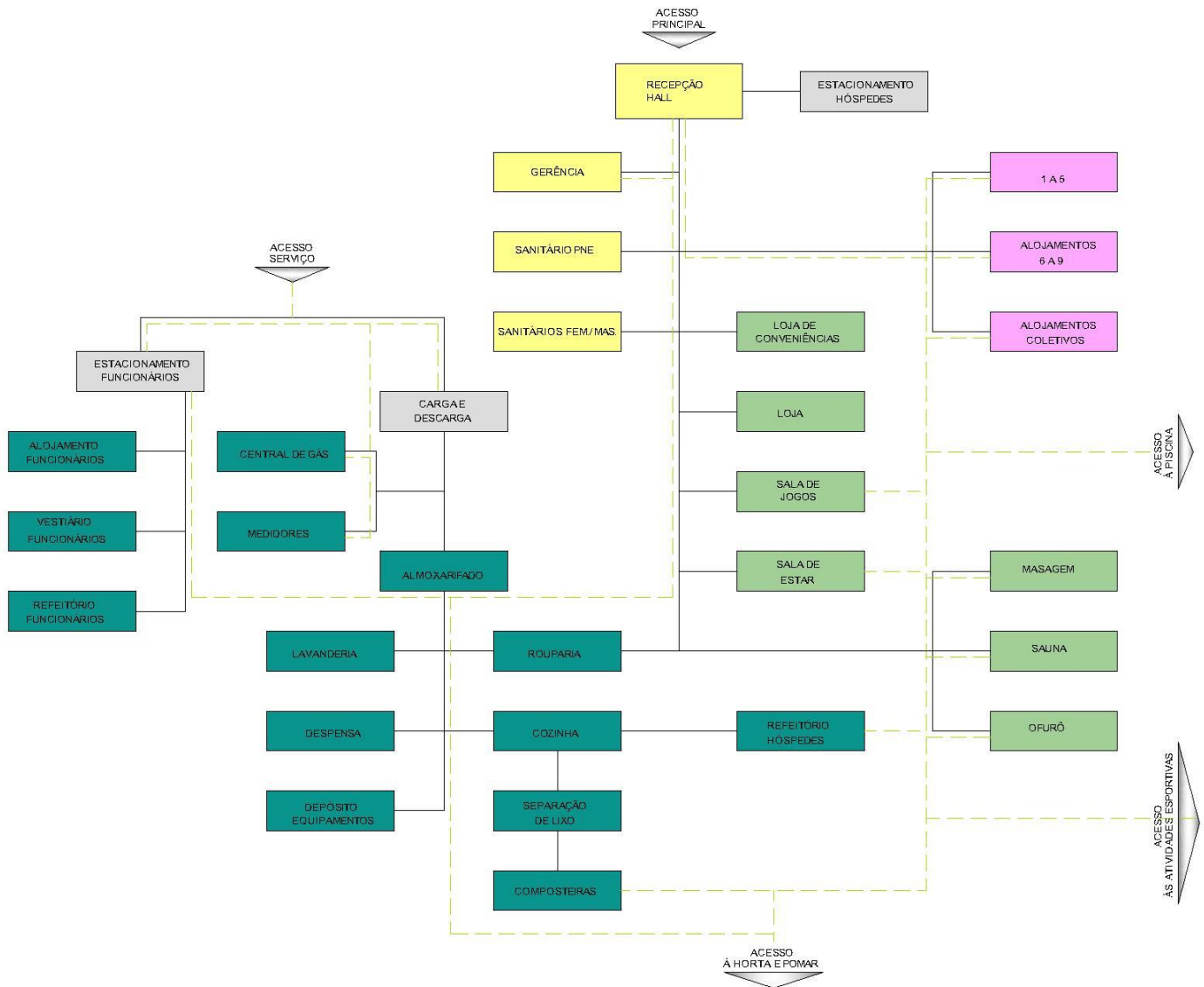
SAUNA	Área com sauna para relaxamento	1	20,00m <sup>2</sup>	20,00m <sup>2</sup>
OFURÔ	Área com ofurô para relaxamento	1	15,00m <sup>2</sup>	15,00m <sup>2</sup>
SALA ESTAR	Área para estar com lareira	1	30,00m <sup>2</sup>	30,00m <sup>2</sup>
SALA JOGOS	Área para mesa de jogos	1	15,00m <sup>2</sup>	15,00m <sup>2</sup>
<b>TOTAL</b>				<b>189,00m<sup>2</sup></b>

<b>SETOR 4 - ALOJAMENTOS</b>				
<b>AMBIENTE</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>QUNT.</b>	<b>ÁREA UNITÁRIA</b>	<b>ÁREA TOTAL</b>
ALOJAMENTOS 1 A 5	Área para hóspedes com dormitórios, estar, banheiros privativos e mini cozinha	5	30,00m <sup>2</sup>	150,00m <sup>2</sup>
ALOJAMENTOS 6 A 9	Área para hóspedes com dormitórios, estar, banheiros privativos e mini cozinha	4	30,00m <sup>2</sup>	120,00m <sup>2</sup>
ALOJAMENTOS COLETIVOS	Área para hóspedes com dormitórios e banheiros coletivos feminino e masculino	5	15,00m <sup>2</sup>	75,00m <sup>2</sup>
<b>TOTAL</b>				<b>345,00m<sup>2</sup></b>

<b>SETOR 5 - ESPAÇOS ABERTOS</b>				
<b>AMBIENTE</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>QUNT.</b>	<b>ÁREA UNITÁRIA</b>	<b>ÁREA TOTAL</b>
PISCINA	Área para piscina externa	1	40,00m <sup>2</sup>	40,00m <sup>2</sup>
HORTA E POMAR	Área para horta de plantação de verduras e frutas	1		
ESTACIONAM. HÓSPEDES	Área para guardar veículos dos hóspedes	15	12,50m <sup>2</sup>	187,50m <sup>2</sup>
ESTACIONAM. FUNCIONÁRIOS	Área para guardar veículos dos funcionários	5	12,50m <sup>2</sup>	62,50m <sup>2</sup>
CARGA E DESCARGA	Área para veículos em serviços de carga e descarga de mercadorias	1	21,00m <sup>2</sup>	21,00m <sup>2</sup>
<b>TOTAL</b>				<b>311,00m<sup>2</sup></b>
<b>TOTAL GERAL</b>				<b>1255,60m<sup>2</sup></b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

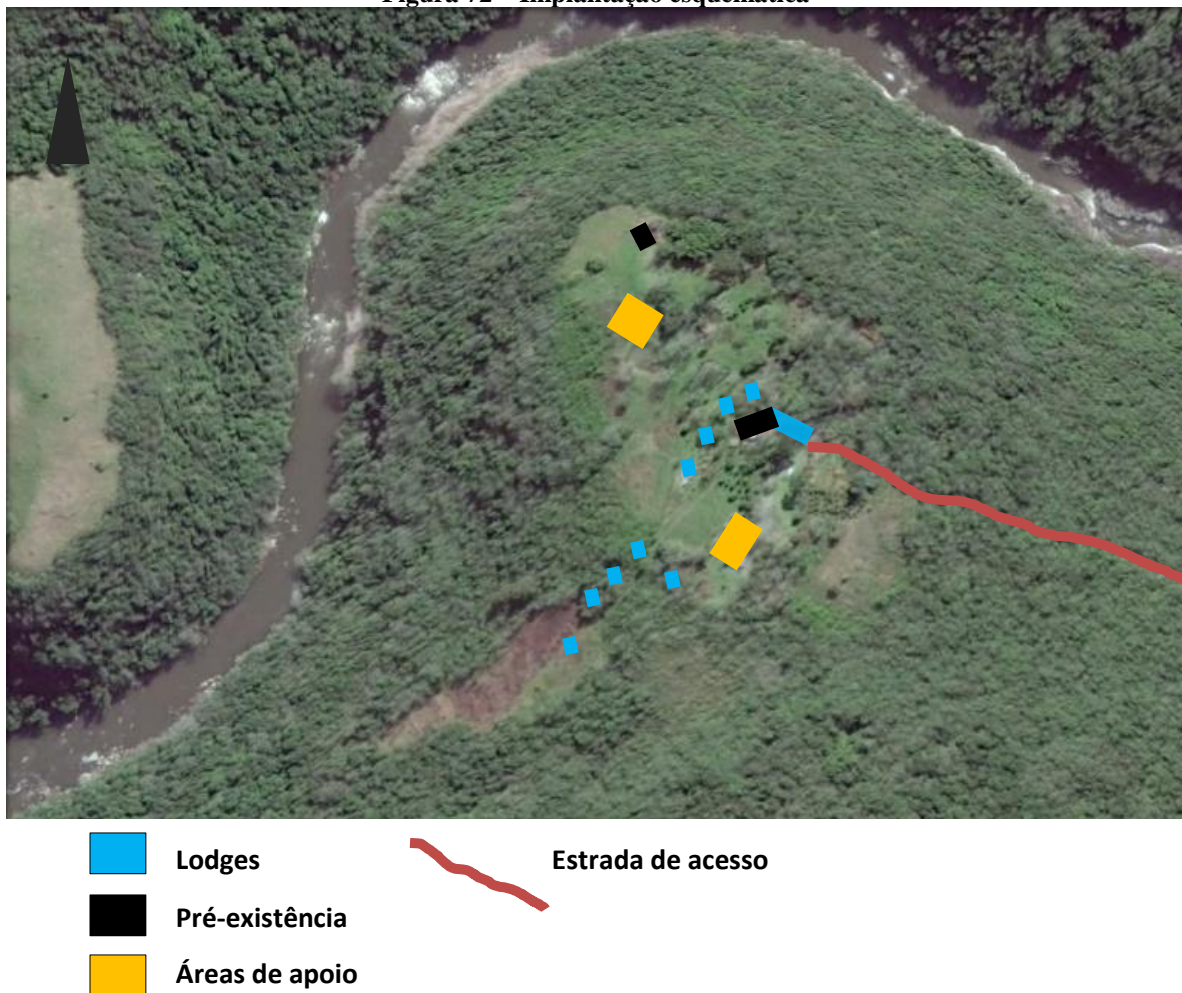
## 5.2.3 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA



Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)

## 5.2.4 PARTIDO

Figura 72 – Implantação esquemática



Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)

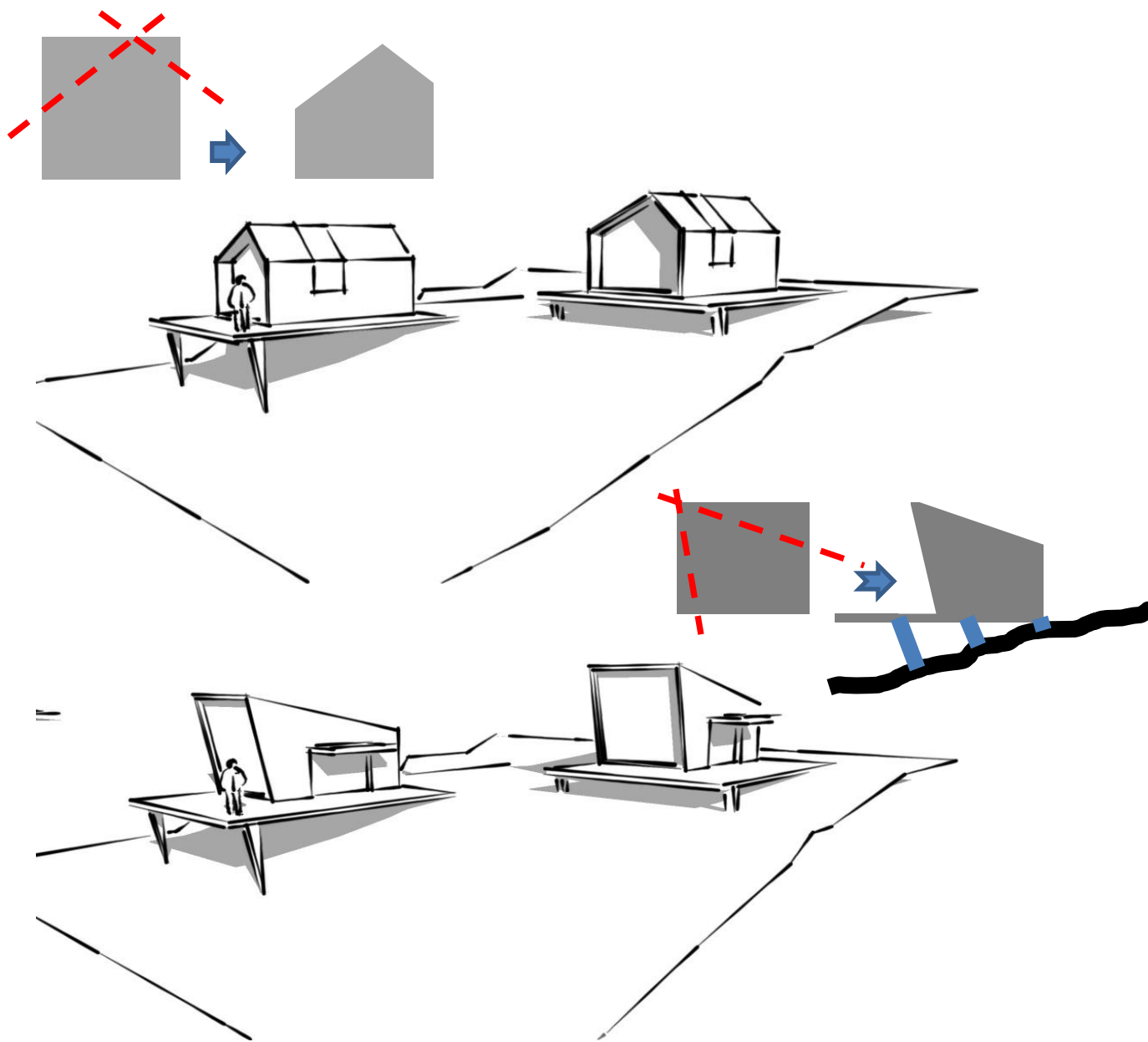
Os lodges foram dispostos aproveitando a topografia do terreno, a boa incidência solar permite que os mesmos fiquem com orientação norte. A disposição na parte alta do lote permite que tenham vista privilegiada do vale do rio Santa Cruz para Oeste. O sul fica protegido pelo aclave da área.

A proposta inicial prevê utilizar-se das edificações pré-existentes para área de uso comum, deixando a parte mais baixa do terreno para áreas abertas como piscina e demais atividades.

Alguns estudos volumétricos foram pensados para a concepção dos lodges, conforme croquis. Elevados do solo sem alteração na topografia do lote, possuir área externa privativa como pequeno deck além de iluminação zenital.

Em ambas as propostas estão prevista a fachada norte totalmente envidraçada priorizando a iluminação e ventilação natural, além de propiciar uma

Figura 73 – croquis de estudo de volumetria



Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)



## 6 LEGISLAÇÃO

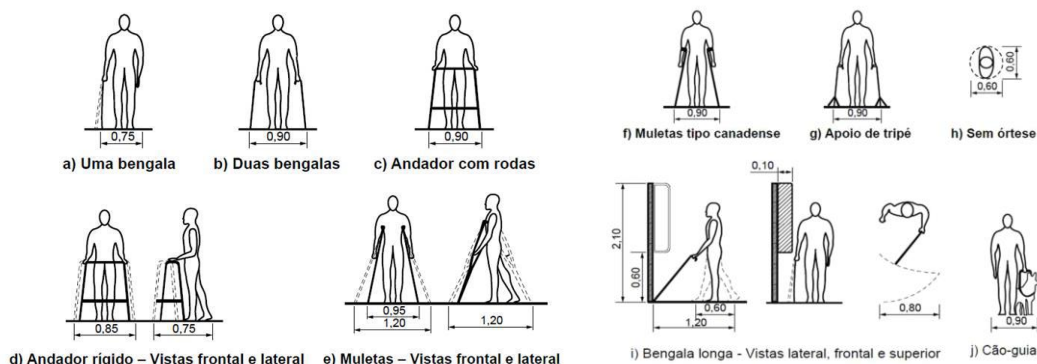
A elaboração do projeto proposto de utilizará de consultas a normas e leis vigentes por meio das normas técnicas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), impreterivelmente adotando a NBR 15575, que trata do desempenho das edificações habitacionais, mas utilizar-se-á da mesma para edificação hoteleira, do PDDI (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado) do município de Gramado para projeto como obtenção de Licenciamento Ambiental, instruções normativas vigentes para o atendimento ao PPCI (Plano de prevenção e combate a incêndios) e atender determinações da EMBRATUR para meios de hospedagem.

### 6.1 ACESSIBILIDADE

Ponto importante a ser analisado para a elaboração de projetos é de tornar as edificações acessíveis a todos conforme determina a NBR9050. Pensando nisso, alguns pontos serão adotados na elaboração do projeto proposto, como rampas de acesso e sanitários adaptados. Importante quem além das unidades individuais de hospedagem, as áreas sociais da também possuam instalações adequadas sanitárias adaptadas.

Segundo a EMBRATUR, faz-se necessário que 5% das unidades de hospedagem atendam portadores de necessidades especiais. No caso do projeto proposto, os lodges possuirão as características mínimas adequadas para todos, evitando assim que se crie uma unidade com planta diferenciada. Para o entendimento de espaço mínimo necessário para deslocamento foram analisados os parâmetros antropométricos (ABNT NBR9050, 2016).

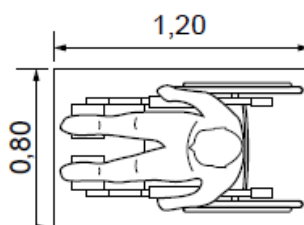
**Figura 74 – Referências de espaço para deslocamento**



Fonte: ABNT NBR 9050 (2015)

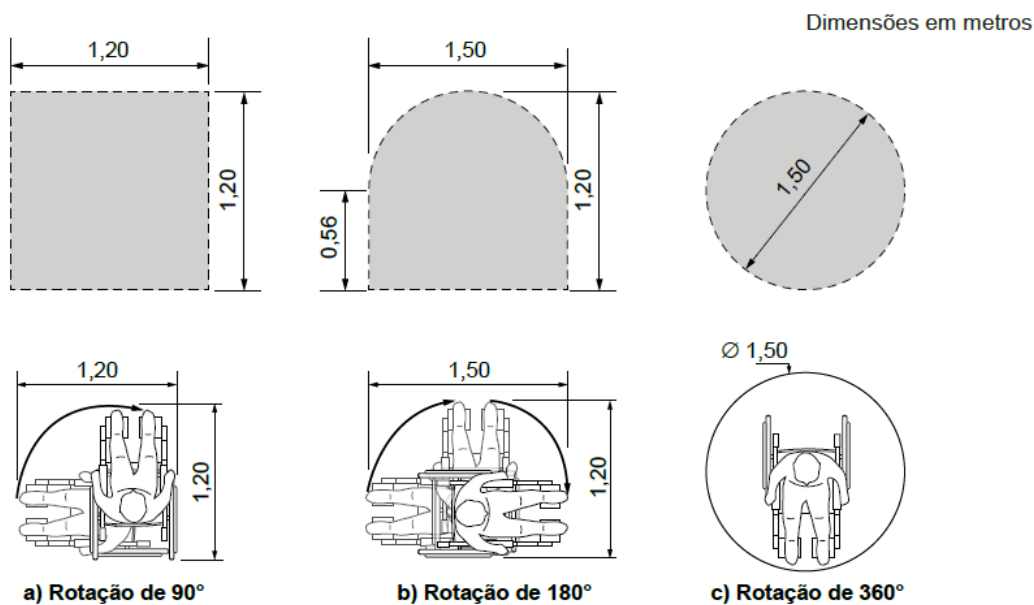
É adotado para cálculo do espaçamento para circulação de cadeirantes um módulo de referência, este por sua vez estipula que o espaço necessário para uma cadeira de rodas é 0,80 x 1,20. A partir dele ficam determinados os espaços para área de manobra, conforme figuras abaixo.

**Figura 75 - módulo cadeira de rodas**



Fonte: ABNT NBR 9050 (2015)

**Figura 76 – espaços de manobra para cadeirantes**

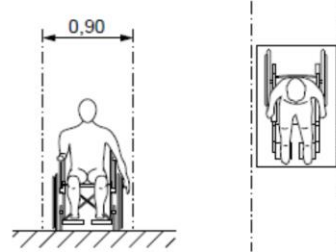


- a) para rotação de 90° = 1,20 m × 1,20 m;
- b) para rotação de 180° = 1,50 m × 1,20 m;
- c) para rotação de 360° = círculo com diâmetro de 1,50 m.

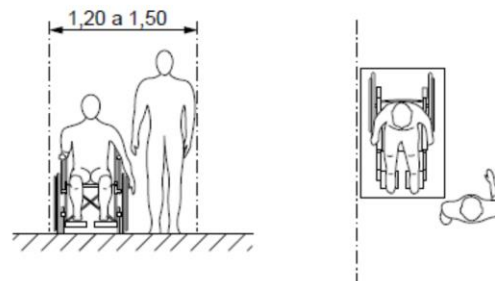
Fonte: ABNT NBR 9050 (2015)

Com isso pode-se observar os espaços necessários para a transposição de portas bem como circulação.

Figura 77 – espaços transposição de portas e circulações de cadeirantes



a) Uma pessoa em cadeira de rodas – Vistas frontal e superior



b) Um pedestre e uma pessoa em cadeira de rodas – Vistas frontal e superior

Fonte: ABNT NBR 9050 (2015)

Os acessos devem ser acessíveis, assim como a ligação proposta entre as edificações. Pensando nisto a transposição de diferentes níveis se dará por rampas com emprego de superfície regular e obrigatoriamente com piso antiderrapante. (ABNT NBR9050, 2016).

As rampas devem possuir largura recomendável de 1,50m, podendo em alguns casos ser aceitável a largura mínima de 1,20m. A inclinação das rampas é calculada pela equação:  $i = (h \times 100) / c$ , onde,  $i$  é a porcentagem de inclinação;  $h$  é a altura a ser transposta;  $c$  é o comprimento da rampa em projeção horizontal. A porcentagem máxima de inclinação para rampas não deve ultrapassar 8,33%, para as quais entre 6,25% e 8,33% deve estar previsto patamares de descanso a cada 50m.

Tabela 2 – rampas

Desníveis máximos de cada segmento de rampa $h$ m	Inclinação admissível em cada segmento de rampa $i$ %	Número máximo de segmentos de rampa
1,50	5,00 (1:20)	Sem limite
1,00	$5,00 (1:20) < i \leq 6,25 (1:16)$	Sem limite
0,80	$6,25 (1:16) < i \leq 8,33 (1:12)$	15

Fonte: ABNT NBR 9050 (2015)

## 6.2 SAÍDAS DE EMERGÊNCIA

A norma técnica NBR 9077 (ABNT, 2001), determina parâmetros que as edificações devem seguir garantindo a segurança da população em caso de incêndio, além de auxiliar ao corpo de bombeiros no combate ao fogo. Determina a referida norma o correto dimensionamento para as saídas de emergência através de tabelas de uso e população.

**Tabela 3 – classificação de uso**

B	Serviços de hospedagem	B-1	Hotéis e assemelhados	Hotéis, motéis, pensões, hospedarias, albergues, casas de cômodos
		B-2	Hotéis residenciais	Hotéis e assemelhados com cozinha própria nos apartamentos (incluem-se apart-hotéis, hotéis residenciais)

Fonte: NBR 9077 (2001)

**Tabela 4 – dimensionamento de saídas**

Ocupação		População <sup>(A)</sup>	Capacidade da U. de passagem		
Grupo	Divisão		Acessos e descargas	Escadas <sup>(B)</sup> e rampas	Portas
A	A-1, A-2	Duas pessoas por dormitório <sup>(C)</sup>	60	45	100
	A-3	Duas pessoas por dormitório e uma pessoa por 4 m <sup>2</sup> de área de alojamento <sup>(D)</sup>			
B	-	Uma pessoa por 15,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (G)</sup>			

Fonte: NBR 9077 (2001)

Os acessos e saídas terão dimensão mínima de 1,10m o que corresponde a duas unidades de passagem. A edificação terá sua altura cotada entre o terreno circundante e o piso da entrada, sendo igual ou superior a 1,00m será classificada como térrea. Dispensando o cálculo e uso de escadas, uma vez que a descanga se dará no nível do solo e para ambientes externos.

## CONCLUSÃO

A pesquisa para deste Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo servirá como alicerce teórico base para a sustentação do projeto proposto.

Levando em consideração de que a cidade de Gramado é um importante polo turístico, surge a oportunidade de propor algo novo. O crescimento contínuo da demanda turística exige a oferta por novos produtos, o que para nós moradores da cidade faz-se necessário lembrando que quase a totalidade da renda da região é proveniente do Turismo.

Nesta explosão turística de massa, empresários e empreendedores buscam a criação de parques temáticos, lojas, focados unicamente no crescimento urbano, trazendo para a pacata cidade a aglomeração que os grandes centros nos apresentam. Pensando nisto, procurou-se de forma simples, mas não menos requintada evitar a monotonia tão comum que hotéis tradicionais nos revelam através de seus repetitivos programas, voltando o projeto proposto para o meio rural. Foi então que o projeto desta pesquisa é voltado para amantes da natureza e entusiastas dos esportes de aventura no meio natural.

Na elaboração deste trabalho primeiramente procurou-se apresentar informações a cerca do turismo como também descritivo de atividades esportivas de aventura, não muito usuais, o qual se acredita complementar a proposta do projeto. O estudo de caso, análises formais e análogas colaboraram para a concepção desta nova proposta, de forma que este trabalho de conclusão contribua para uma renovação arquitetônica, mesmo que seja por meio de ideia pessoal, inspiração ou simplesmente tentativa.

Acredito que possa ser criada uma arquitetura de qualidade sem que a mesma destoe do seu entono, mas sim fazendo com que faça parte do contexto proporcionando ao hospede uma nova experiência.

Por fim, fica o agradecimento a todos que de certa forma contribuíram para o conhecimento adquirido para a elaboração deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lucio de; JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento e projeto**. São Paulo, SP: Editora SENAC São Paulo, 2001.

BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. **Direto do Turismo História e Legislação no Brasil e no Exterior**. São Paulo, SP: SENAC, 2005.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Viagem à Natureza Turismo, Cultura e Ambiente**. São Paulo, SP: Papyrus, 1997.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de Aventura E Riscos Na Montanha**. São Paulo, SP: Monole, 2000.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do Turismo**. Campinas, SP: Alínea, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo, SP: Atlas, 2003  
DRECKSLER, Carlos Gilberto; KOPPE, Iraci Casagrande. **Era uma Vez...!**. Canoas, RS: La Salle, 1993.

GUTMANN, Allen. **From Ritual To Record**. New York: Columbia University Press, 1978.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **Ecoturismo no Brasil**. Barueri, SP: Manole, 2005.

NEUFERT, Ernst, 1900-1986 **A arte de projetar em arquitetura**. Tradução Benelisa Franco. 18.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação do mercado turístico estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2009.

PESTERFIELD, Heidi. **Escalada Clássica de Primeiro**. Madri: Desnivel, 2002.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; SAITO, Caroline Fama. **Caracterização da Demanda Potencial por Atividades de Aventura**. Revista Motriz, Rio Claro, 2010.

ROMANINI, Vinicius. **Esportes de Aventura ao Seu Alcance**. São Paulo, SP: BEI, 2002.

SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino. **Teoria e Prática do Turismo no Espaço Rural**. Barueri, SP: Manole, 2010.

SCHWARTZ, Gisele Maria. **Aventuras na Natureza**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

VALLS, Josep-Francesc. **Gestão Integral de Destinos Turísticos Sustentáveis**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2006.

ABETA, **Aprimoramento de Produto Aventura Segura**. 2008

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem**. Disponível em: <<http://www.classificacao.turismo.gov.br/MTUR-classificacao/mtur-site/>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Estudos da Competitividade do Turismo Brasileiro**. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/SE\\_RVIXOS\\_DE\\_HOSPEDAGEM.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/SE_RVIXOS_DE_HOSPEDAGEM.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Embratur**. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/2756-embratur-comemora-45-anos-com-recordes-para-o-turismo.html>>. Acesso em: 10 set. 2016.

SERVIÇOS DE HOSPEDAGEM. **Estudos da competitividade do turismo brasileiro**. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/SE\\_RVIXOS\\_DE\\_HOSPEDAGEM.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/SE_RVIXOS_DE_HOSPEDAGEM.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2016.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Escalada**. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao-fisica/escalada.htm>. Acessado em 20 set. 2016.

ACM- Associação Caxiense de Montanhismo. **Modalidades de Escalada**. Disponível em: <http://www.acm-rs.org.br/portal/index.php/a-associacao-1/area-tecnica/38-modalidades-de-escalada-e-montanhismo>. Acessado em 20 set. 2016.

SAMPA BIKERS. **História do Mountain Bike**. Disponível em: <http://sampabikers.com.br/dicas-e-curiosidades/historia-do-mountain-bike/>. Acessado em 20 set. 2016.

PORTAL EDUCAÇÃO. **História do Trekking**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/educacao-fisica/artigos/64570/historia-do-trekking>. Acessado em 20 set. 2016.

TRILHAS E RUMOS. **Modalidades de Trekking**. Disponível em: [https://trilhaserumos.com.br/dicas-roteiros/dicas\\_de\\_uso/trekking/](https://trilhaserumos.com.br/dicas-roteiros/dicas_de_uso/trekking/). Acessado em 20 set. 2016.

GRAMADOTUR. **Turismo em Gramado**. Disponível em <http://www.gramadotur.com.br/economia.htm>. Acessado em 22 set.2016.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2004.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15401: **Meios de hospedagem – Sistema de gestão da sustentabilidade – Requisitos**. Rio de Janeiro. 2006.

PMG PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. **Planilhas de Requisitos Urbanísticos**. Disponível em: [http://www.gramado.rs.gov.br/admin/arquivos/secretarias/10/arquivos/anexo-i---planilha-de-requisitos-urbanisticos\\_07062016172346.pdf](http://www.gramado.rs.gov.br/admin/arquivos/secretarias/10/arquivos/anexo-i---planilha-de-requisitos-urbanisticos_07062016172346.pdf). Acessado em 15 out. 2016.

PMG PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. **Mapa de Zoneamento**. Disponível em: [http://www.gramado.rs.gov.br/admin/arquivos/secretarias/10/arquivos/mapa-de-zoneamento-\(versao-2015b\)-model\\_12072016164201.pdf](http://www.gramado.rs.gov.br/admin/arquivos/secretarias/10/arquivos/mapa-de-zoneamento-(versao-2015b)-model_12072016164201.pdf). Acessado em 15 out. 2016.

ARCHDAILY. **Skåpet Mountain Lodges**. Disponível em: <http://www.archdaily.com/794986/skapet-mountain-lodges-in-soddatjorn-koko-architects>. Acessado em 22 out 2016.

PLATAFORMA ARCTECTURA. **Cabañas campistas del parque regional Whitetail Woods**. Disponível em: <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/764947/cabanas-campistas-del-parque-regional-whitetail-woods-hga-architects-and-engineers>. Acessado em 22 out. 2016.

PLATAFORMA ARCTECTURA. **Hotel Awasi Patagonia**. Disponível em: <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/770425/hotel-awasi-patagonia-felipe-assadi-plus-francisca-pulido>. Acessado em 22 out. 2016

## APÊNDICE

### **Apresentação da proposta desta pesquisa:**

**Eco Lodge**, é um novo conceito de hospedagem junto à natureza onde a integração deve ser total entre esta e seus hóspedes.

Os alojamentos oferecem comodidades e até certo luxo, mas a grande motivação de quem procura um local como este para se hospedar é a oferta de lugares próprios para prática de esportes de aventura, neste caso, praticantes de escalada, trekking e mountain bike.

### **Questionamentos:**

- 1) **Que condições Gramado oferece para praticantes dos esportes citados na proposta de projeto objeto desta pesquisa?**
  
- 2) **Há algum incentivo por parte de órgãos públicos ou iniciativa privada em divulgar a cidade com eventos ligados a estes esportes? Há incentivo para prática desses?**
  
- 3) **Existe na cidade condições para prática desses esportes, digo, há lugares próprios para essa prática com equipes de apoio e socorro adequadas?**
  
- 4) **Como proprietário de uma loja de artigos esportivos, próprios para esportes de aventura, você deve observar se há procura por parte dos clientes, por lugares para prática de tais esportes na cidade e se os turista tem interesse nesse nicho de hospedagem?**



## ANEXO I

*Prefeitura Municipal de Gramado*

Secretaria de Planejamento e Urbanismo

**DECLARAÇÃO**


Conforme solicitação do acadêmico Daniel Casagrande para fins específicos de sua pesquisa do trabalho final de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale, declaramos:

1 – A área para a implantação para o projeto acadêmico proposto localiza-se na Linha Pedra Branca deste município, no zoneamento denominado Zona Rural Dois (ZR2), conforme planilha de requisitos urbanísticos em anexo;


2 – Segundo o PDDI para este zoneamento, são permitidas edificações de hospedagem transitória obedecendo ao número máximo de cinco unidades hoteleiras (UH) por matrícula;

3 – Em se tratando de zona rural, a legislação exige que a área mínima do módulo rural deva ser igual ou superior a 30.000m<sup>2</sup> (3 ha) por matrícula.

4 – Pelo exposto, a área para implantação do projeto acadêmico proposto poderá ser parcelada em mais de um módulo rural com área mínima 3 hectares; sendo que, em cada modulo não poderá ser excedido o número de 5 unidade hoteleiras (UH).


  
Engº Thiago Truá Machado  
Secretário Adjunto de Planejamento

*Prefeitura Municipal de Gramado*

  
Juliana Henrique Cardoso  
Secretária de Planejamento e Urbanismo

Gramado, 02 de dezembro de 2016

## ANEXO II

ANEXO I														
		<b>ZONA DE USO</b>				<b>ZONA RURAL 2 –</b> L. Marcondes A. L. Araripe A. Carahá, L. Ávila Alta, Tapera Alemã, Tapera Italiana, Linha Bonita Alemã, Linha Bonita Italiana, Serra Grande (Independente, Rua Paralelepipedos, Linha dos Porcos), Pedra Branca da Linha Furta, Morro do Arame ou Quilombo Baixo, Serra Grande Alemã, Gambelo, Moreira, Pedra Branca da Linha Nova e Forqueta				<b>ZRU2</b>	Seção VIII Art. 47 a 50			
<b>01</b>					<b>USOS CARACTERÍSTICOS - Anexo II</b>					<b>Observações</b>				
1.1 a 1.6	COMÉRCIO VAREJISTA		18.1	ESTABELECIMENTO DE ENSINO	<b>4 – RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR, PODERÁ SER EDIFICADO NO MÁXIMO 450,00 m², EM ATÉ 3 UNIDADES RESIDENCIAIS, POR MÓDULO DE 3,0 HECTARES, NÃO PODENDO ULTRAPASSAR ESTA METRAGEM NO MÓDULO DEMARCADO (VER FIGURA 8A E 8B)</b> <b>5- EXCLUSIVAMENTE PARA AS ATIVIDADES 22.24 e 22.26 FICA A EDIFICAÇÃO LIMITADA A 100m² DE ÁREA DE CONSTRUÇÃO</b> <b>6- NO CASO DE HOTEIS E Pousadas, SERÁ PERMITIDO SOMENTE A CONSTRUÇÃO DE UM ÚNICO EMPREENDIMENTO DE ATÉ 5 UHS POR MATRÍCULA.</b> <b>7- PARA ITEM 4.21, SOMENTE PARA AS SEGUINTE ATIVIDADES: eletricitista, pedreiro, carpinteiro, marceneiro (permitindo empresas enquadradas como MEI das respectivas atividades)</b>					<b>I M P O R T A N T E</b>	1 – O COMÉRCIO VAREJISTA ESTÁ LIMITADO A UMA ÁREA MÁXIMA DE 60,00 m² PARA TODAS AS ZONAS.			
3.1	RESIDÊNCIA UNIFAMILIAR		20.1 E 20.2	RESTAURANTES BARES E CONGÊNERES							2 – PARA AS INDÚSTRIAS TIPO I E II, ANTES DA EMISSÃO DA CERTIDÃO DE USO, VER ART. 49 DO PDDL.			
4.21	ESCRITÓRIOS E GABINETES		21.1 a 21.9 e 21.11	INDÚSTRIA TIPO I							3- PARA AS ATIVIDADES DOS ITENS 21,22,23 FICA A EDIFICAÇÃO LIMITADA A 500m²			
5.1 a 5.3 e 5.6	SERV. MÉDICOS E TRATAMENTO DE SAÚDE		22.1 a 22.3; 22.24 e 22.26	INDÚSTRIA TIPO II										
9	INSTALAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS		23.1 a 23.13	ATIVIDADES RURAIS										
11	INSTALAÇÕES RELIGIOSAS													
13.37	Prestação de Serviços													
14.4 e 14.11	DEPÓSITO DE PEQUENOS													
OBS- Para esta zona é obrigatório atender ao artigo 96 "Características Arquitetônicas Predominantes"														
<b>REQUISITOS PEDIAIS EXIGIDOS PARA ESTA ZONA DE USO</b>								<b>ZRU2</b>	Capítulo V					
<b>RECUOS (metros)</b>				<b>Seção IX</b>		<b>Arts.80 a 91</b>								
<b>Nº Pavtos</b>	<b>FRENTE</b>			<b>FUNDOS</b>	<b>LAT. DIR.</b>	<b>LAT. ESQ.</b>	<b>USO RESIDENCIAL</b>		<b>DEMAIS USOS</b>					
	<b>M.QUADRA</b>	<b>FRENTE PRINCIPAL</b>	<b>FRENTE SECUNDÁRIA</b>				<b>T O</b>	<b>1,50%</b>	<b>T O</b>	<b>10,00%</b>				
	<b>ESQUINA</b>	<b>ESQUINA</b>		<b>(OU LAT.ESQ.)</b>	<b>(OU LAT.DIR.)</b>	<b>I A</b>	<b>0,30</b>							
<b>S</b>	30,00	30,00	30,00	10,00	10,00	<b>C I</b>	<b>isento</b>							
<b>T</b>	30,00	30,00	30,00	10,00	10,00	<b>ALT</b>	<b>7,50 m</b>							
<b>1</b>	30,00	30,00	30,00	10,00	10,00	<b>TP</b>	<b>20%</b>							
OBS. 1: O recuo frontal se dará a partir do eixo da pista de rolamento. Nos locais onde a testada confrontar com a faixa de domínio do DAER, esta deverá ser computada.														
OBS. 2: : A taxa de ocupação de 1,5% se aplica a cada módulo de 3 hectares, no mínimo, somente para construções residenciais. As demais edificações obedecerão os recuos no limite da matrícula total.														
OBS. 3: Qualquer edificação com área computável maior que 4.000m², independente do zoneamento de uso a que pertença, deverá obedecer o disposto nos artigos 92 a 94, "compensação para grandes obras".														
OBS. 4: No caso de INDÚSTRIA I e II, independente do número de pavimentos, o recuo mínimo nos dois lados será de 4,00m														
OBS. 5: A edificação está sujeita as legislações pertinente, de acordo com seu uso e características, devendo a mesma observar as condições da licença de Operação do loteamento, bem como outros requisitos legais aplicáveis														
OBS. 6: O acesso de viaturas de bombeiros é obrigatória nas edificações previstas na lei complementar nº 14.376/2013, devendo observar como referencia os requisitos da Instrução Técnica nº 06 do Corpo de Bombeiros do estado de São Paulo, até regulamentação do CBMR5.														
<b>Alt. máx:</b>	<b>subsolo</b>	<b>h = 4,25 m</b>	<b>térreo</b>	<b>h = 4,25 m</b>	<b>1º pavto</b>	<b>h = 3,25 m</b>								
<b>LEGENDAS:</b>														
<b>T O</b>	<b>TAXA DE OCUPAÇÃO</b>				<b>Art. 75</b>		<b>I A</b>	<b>ÍNDICE DE APROVEITAMENTO</b>		<b>Arts. 73 a 74</b>				
<b>C I</b>	<b>COEFICIENTE IDEAL</b>				<b>Art. 71</b>		<b>ALT</b>	<b>ALTURA, VOLUME E Nº PAVIMENTOS</b>		<b>Arts. 78 a 79</b>				
<b>TP</b>	<b>TAXA DE PERMEABILIDADE</b>				<b>Art. 77</b>									